3 1761 06973269 1

CIVILIZANDO ANGOLA E CONGO

BV
3625
A6
C57
1922

Luiz Pinto

Civilizando Angola e Congo

Mgr. A. Le Roy,

Superior Geral da Congregação do Espirito Santo.

Concedo licença para a publicação do opúsculo intitulado «Civilizando Angola e Congo» se a autoridade eclesiástica julgar conveniente.

Braga, 17 de Agosto de 1922.

P.e Moysés Alves de Pinho.

IMPRIMATUR. Bracarae, die 17 Augusti 1922.

Corrêa Simões, Vicarius Generalis.

CIVILIZANDO ANGOLA E CONGO

Os Missionários do Espírito Santo no padroado espiritual português

BRAGA
Tipografia Sousa Cruz

1922

LIBRARY
NOV
25
1982
UNIVERSITY OF

BV
3625
C
H6 57
1922

No campo do Apostolado contemporaneo

A EUROPA colonizadora de nossos dias já não entende a missão que tem a desempenhar entre as raças inferiores com a mesma simplicidade interesseira com que a ia entendendo em seculos transactos. Ao mesmo passo que a Igreja indefectivel na sua visão caridosa de almas a servir e a amar, porque indefectivel na fé, foi desempenhando sempre com mais ou menos exito a função salvadora, os colonizadores de nacionalidade vária acostumaram-se a não considerar nas respectivas colonias senão minas a explorar e a exgotar; e franceses, ingleses, homens da Holanda, que não só espanhois e portugueses, terrorizaram os filhos humildes e tímidos da Costa Africana com *razzias* de um trafico ignobil, e depois continuaram a dizimar as robustas raças do interior com drogas e alcool dum comércio interesseiro e envenenador.

Depois de cruzadas de humanidade e amor como a do grande apostolo inglês William Wilberforce, a atmosfera foi-se purificando, de forma que hoje a escravatura não seria já tolerada; e o proprio trafico do alcool para indigenas foi quasi inteiramente proscrito pelas Nações Aliadas, arredada da Africa a competição do comercio alemão.

Ao menos em teoria, Deus louvado! a colonização é hoje inseparavel do *protectorado,* entendido na acepção de obrigatoriedade de *protecção* ao indigena. Quer dizer, o ideal evangelico, a verdadeira civilização ganha terreno... apesar da queixa universal contra a maldade dos tempos.

E' precisamente por isso que as Missões em terras de colonização europeia teem tomado, nos ultimos tempos, uma expansão tão extraordinaria e de tanta intensidade de vida, sejam de que religião forem, e de qualquer nacionalidade que procedam, não só com simpatica tolerancia, mas ainda com o bafejo do favor positivo dos poderes interessados em colonização.

Em 1885 a Conferencia de Berlim estipula que todas as potencias, que exercem direito de soberania nos territórios do Sertão, protejam e facilitem todas as instituições religiosas, creadas com fins como o da conservação de populações nativas, melhoramento das condições morais e materiais da existencia, supressão do tráfico escravista. Em 1890 o acto geral da Conferencia de Bruxelas acaba de colocar as emprezas missionarias de qualquer denominação e procedencia ao abrigo da legislação internacional no Continente Negro. Emfim o artigo 438 do Tratado de Paz de Versalhes reconhece esta disposição, como do Direito das Gentes, e explica o modo de aplica-la às missões de procedencia alemã.

Coincide com esta atitude do poder secular nos ultimos tempos a expansão extraordinaria das missões evangelicas protestantes. Os obreiros evangelicos desta denominação subiam em numero, de 1815 a 1915, os brancos de 176 a 31:000, os indigenas habilitados de 0 a 112:000! Metodistas americanos e suissos, a «Church Missionary Society» dos Anglicanos, Luteranos alemães e Presbiterianos escocêses, lançaram-se todos sobre a Africa, sem consideração de linguas e bandeiras, sobre a Australia e as ilhas oceanicas, no afan de proselitizar infieis.

E ilude-se quem desdenhosamente queira minimizar este esforço do Cristianismo errático e incompleto, e ver nisto tudo um empenho mercantil apenas. Entre os evangelizadores, cavalheiros e senhoras, não deixa de haver muito zelo (por vezes amargo e fanático) e muita inteligencia e coragem. O que sobretudo somos, os católicos, modestamente obrigados a reconhecer é que os cristãos dissidentes na America e na Inglaterra compreendem muito melhor que os dos países catolicos a necessidade de *cooperar* com o missionario na salvação do mundo. Os catolicos dão esmolas para a propagação da Fé; os protestantes pagam uma *contribuição* regular volunta-

ria. (1) Por isso mesmo podem expandir-se as missões da heresia muito mais desafogadas que as ortodoxas, e encontram mais naturalmente candidatos evangelizadores, porque não teem estes de expor-se a uma vida de tanta abnegação e abandono à Providencia.

Mas, se com menos recursos, nem por isso as missões católicas teem afrouxado no zelo salvador. Apesar do desleixo dos teólogos, de quem com certa razão se queixa Mons. Alexandre Le Roy *que teem teses para tudo menos para enunciar o dever mais categórico que nos deixou o Evangelho: — «Ide e ensinai todos os povos»* — o povo, na espontaneidade da sua fé, forneceu sempre e continua a fornecer obreiros para a empreza santa e desdenhada.

Apesar da dispersão violenta das ordens religiosas nalguns países, vimos multiplicarem-se ultimamente pelas terras do paganismo além obras de agremiações missionarias de toda a espécie: de padres e de leigos, de homens e femininas.

As Missões Estrangeiras de Paris lançam-se pela Asia a dentro e invadem o gentilismo chinês; as Missões Africanas de Lião tomam conta da Costa Ocidental Africana, da Liberia ao Niger; os PP. Brancos de Lavigerie encarregam-se das populações arabizadas, do sul marroquino, pelas granjas do Saará, até ao Nilo, pelas regiões do musulmanismo e da escravatura; enfim, para não falar dos missionarios belgas de Scheut, dos ingleses de S. José de Mill Hill, dos italianos da Consolata, e dos alemães Palatinos e austriacos do Verbo Divino, os Padres do Espirito Santo tomam à sua conta e evangelizam um terço das colonias africanas, à sombra de cinco bandeiras colonizadoras diferentes.

Para a educação das meninas gentílicas e formação de mães cristãs, multiplicaram-se paralelamente as associações femininas de evangelização: Missionarias Franciscanas de Maria, Irmãs de S. José de Cluny e Irmãs da Conceição de Castre rivalizam com os missionarios dos diferentes institutos e países em dedicação e coragem varonil.

Seria evidentemente gostosa tarefa seguir pelo mundo fóra todos aqueles mensageiros do bem e todas estas admiraveis heroínas da salvação e educação dos humildes. Mas,

---

(1) Nos melhores anos passados tem-se aproximado de 10 milhões de francos o rendimento da Propagação da Fé (catolica). Com o de St.ª Infancia, etc., dêmos que se elevem a 20 milhões. Pois bem: em 1915 as contribuições anuais protestantes somavam 166 milhões de francos!

como a cada qual marcou a Providencia seu especial talhão na vinha das almas, limitamo-nos aqui à exposição da obra que na Africa Portuguesa realiza a Congregação do Espirito Santo. .

Oxalá que não venha esta Congregação a ficar sòzinha a braços com o cultivo daquele vasto campo, onde atéqui a tem coadjuvado o clero secular, aliviando-a da gerencia de paroquias já organizadas. Infelizmente vai rareando o clero desta classe, depois que a Republica transformou, a ensaio, em Instituto de Civilizadores laicos o antigo Seminario de Sernache.

E' tambem verdade que este vai outra vez reconstituir-se em Tomar; mas será ainda muito o tempo porque se deverão contentar as colonias com restos esparsos. Lamenta-o Angola, e lamenta-o ainda mais Moçambique, onde, além daquelas relíquias, o desolado pastor recentemente nomeado, D. Rafael da Assunção, apenas pode contar com os seus confrades Franciscanos da Beira, porque o advento da Republica expeliu do Zambeze os missionarios jesuitas; e a entrada de Portugal na grande conflagração europêa levou-nos a dispensar os esplêndidos missionarios austriacos do Verbo Divino que aos jesuitas sucederam.

A Congregação do Espirito Santo. Duplice Origem da Associação

A Associação do Espirito Santo

A Congregação dos «*farrapeiros* da Santa Igreja», como humoristicamente lhe chamou o que mais tarde veremos segundo fundador, nasceu já com aquele sêlo de modestia evangelica de que se gloria, mas ainda não tão especializada como a vemos hoje nos serviços da *farrapagem* africana.

Em 1703 o Padre Claude Poullart des Places, filho de um advogado do Parlamento da Bretanha, associava-se com mais dois sacerdotes para educar e sustentar estudantes pobres, capazes de virem a ser pastores uteis na Igreja de Deus em ministerios humildes e de ajudarem os compassivos directores nos serviços de caridade eclesiastica, para que mais dificilmente se encontram obreiros. A esta associação foram acrescendo pouco a pouco membros novos, muitos pupilos antigos do

Seminario, educados e ordenados com as esmolas angariadas pelos abnegados directores.

Entretanto, se a ideia das missões longinquas não foi o motor original, vimo-la dominar desde logo nas preocupações do apostolico fundador. Sentia-se ele proprio mui levado a «ir para os selvagens» e não tardou a fornecer de seu Seminario sacerdotes missionarios a vigarios apostolicos da China, de Tonkim, de Sião, e de varias colonias francesas de Africa.

Foi durante o superiorado de Monsieur Bouic, segundo sucessor de Poullart des Places, que a associação se organizou, com Regra redigida, aprovação canonica, reconhecimento legal por Luiz XV (1734). Depois da morte dele, e sob o governo de Monsieur Becquet, terminava-se a construção na rue des Postes, Paris, do edificio que ainda hoje é o Seminario das Colonias. De então por diante ficava a habilitação de clero para as missões da Africa francesa constituindo o fim principal e quasi exclusivo da Associação.

Becquet morria em 1788. O sucessor, Monsieur Duflos, era eleito para assistir à dispersão e à tormenta revolucionaria. Em 1805 quando Monsieur Bertou voltava do exilio, de Inglaterra, e recebia da mão do superior-martir, então moribundo, o munus de reger a associação, achou-se a braços com tres dificuldades quasi insuperaveis: reunir os membros, obter nova aprovação legal para a associação dissolvida, enfim provê-la de alojamento. Conseguiu, à força de muita fadiga e a custo de muita amofinação, o reconhecimento do governo imperial (1804), a reintegração no Seminario Colonial da rue

des Postes, enfim colaboradores assás numerosos para a direcção do instituto antigo e de um Seminario menor destinado a preparar recrutas para aquêle.

Sucedia ao restaurador da Congregação e ia proseguir na reorganização dela Monsieur Fourdinier. Quiz-lhe ele dar um caracter ainda mais apostolico, tornando os membros não só educadores de missionarios, mas eles proprios missionarios dos infieis. Faltava pessoal. Creu o superior obviar a essa falha admitindo na sociedade, com um ano em vez de dois de provação, os alunos antigos.

A ideia era boa; mas não pegou. Continuaram os superiores seguintes persistindo nela, urgindo-a. A Congregação foi definhando, e só conseguiu viver, deixando enxertar no tronco exausto o viço novo de outra Congregação, recentemente nascida, e precisamente com o feitio novo que Fourdinier quizera tornear na velha.

Congregação do SS. Coração de Maria

A Sociedade dos Missionarios do SS. Coração de Maria, ideada por dois seminaristas creoulos do Seminario de S. Sulpicio, Frederico Levavasseur e Eugenio Tisserand, originario o primeiro da ilha Bourbon e o segundo natural de S. Domingos (Antilhas), foi levada a termo por um pobre seminarista, israelita convertido, excluido ao tempo do sacerdocio por uma terrivel doença nervosa. Achava-se o humilde acólito director espiritual de um noviciado de Eudistas em Rennes quando os seus dois ex-condiscipulos do grande Seminario parisiense, ajudados pela iluminação do Céo, o trouxeram a colaborar na empreza salvadora dos negros (da qual ambos apostolicamente se enamoraram, por ambos terem sido testimunhas, nas terras natais respectivas, da abjecção e miseria a que as populações negras iam votadas).

Chamava-se aquele seminarista, já então genial director de almas, e autor de cartas de direcção, que formam hoje um peculio ascético precioso, Francisco Maria Paulo Libermann.

Dirigiu-se a Roma, escreveu, negociou, orou, e por fim obteve a aprovação da Propaganda para o plano e para a Regra do novo Instituto Missionario, sendo mesmo urgido a tomar a direcção dele, depois de ordenado sacerdote por um prelado benévolo.

Foi completar em Strasbourg, diocese de origem, a formação sacerdotal, e ali se ordenou de subdiácono e de diácono;

um mês depois (Setembro de 1841) Monsenhor Mioland impunha-lhe as mãos em Amiens, e dava ao novel sacerdote, com orgulho e gosto paternal, licença para abrir em La Neuville uma casa de provação e formação missionaria.

A 25 de Setembro de 1841 o nucleo primeiro da Sociedade Missionaria inaugurava-se ante o altar da Senhora das Vitórias em Paris, numa enternecida missa conventual, em que celebrou o novo levita e superior e eram assistentes os tres restantes membros: P.e Levavasseur, Tisserand e Collin.

Quatro mezes após a abertura da casa de La Neuville, já Levavasseur partia evangelizar a sua ilha de Bourbon. Tisserand embarcava, pouco depois, a civilizar e a ajudar as populações negras de S. Domingos. E já antes se agregara à Congregação e partira em nome dela para a Mauricia um pároco da diocese de Evreux, ex-medico, ávido de dedicação, que veio a ser o Apostolo Venerado das povoações daquela ilha, que ainda hoje peregrinam de todos os recantos dela em romagem piedosa e agradecida ao tumulo do Padre Laval.

Em 1843 partiu para a Guiné Francesa a primeira leva de missionarios habilitados em La Neuville, sete padres que o superior poz às ordens de Mons. Barron, enviado pela Propaganda como Vigario Apostolico das «Duas-Guinés» (Guiné e Senegambia). Foi um tentame desastroso; a falta de experiencia tropical e de preparação para arrostarem com aquele clima fez do desembarque no cabo das Palmas uma funebre marcha para a morte. Só escapou o Padre Bessieux. O vigario apostolico desanimou, pediu a demissão, e foi para a America do Norte a dispender no serviço dos humildes o resto das forças. A Congregação vitimada é que não quiz desmaiar. Em La Neuville surgiram ardores novos, que na Africa queriam lutar e vencer. E em 1846 encarregou-se a propria Congregação directamente das Duas-Guinés, com Mons. Truffet, um membro, como vigario apostolico. Assim entrava a modesta Sociedade Missionaria de posse da sua herdade, e a cumprir os designios que lhe assignara o Céo, os fados que lhe fiara misteriosamente a Providencia.

A fusão

Ao expirar da primeira metade do seculo XIX temos, então, lado a lado, em França, duas sociedades missionarias a pender para a Africa selvagem e feiticista: uma a saír do berço e fervente de dedicação e de vida; a outra no transe de uma

crise de braços, precisamente quando seu ideal se orientava mais definidamente para a intervenção directa no apostolado longinquo. Era natural que as duas associações se aproximassem: a do Espirito Santo, ávida dum contacto com a vida, a do Coração de Maria com muito que aproveitar das vantagens sociais e situação legal da sociedade mais velha. No dia do Pentecostes de 1848, numa assembleia geral no Seminario do Espirito Santo, em Paris, resolvia-se a união das duas sociedades. A 24 de Agosto reuniam-se no mesmo estabelecimento representantes de ambas, a estipular as condições da fusão, terminando por enviar a Roma um delegado, que negociasse a aprovação do novo estado de cousas. Emfim, a 4 de Setembro de 1848, a Santa Sé sancionava a união, especificando que ela fosse feita pelo ingresso da Sociedade do Coração de Maria na do Espirito Santo, e que, *incorporada nesta, aquela deixasse de existir.*

Libermann ficava o primeiro superior geral das Congregações assim fundidas numa; mas foi somente sob o governo de seu sucessor que Constituições novas, gravitando à roda dos principios da Regra, elaborada pelo segundo fundador, fixaram numa organização definitiva de caracter religioso a nova Congregação do Espirito Santo e do Imaculado Coração de Maria.

O Superior antigo do Espirito Santo, Monsieur Monnet, que dera a demissão para ser substituido por Libermann, foi nomeado pela Propaganda vigario apostolico de Madagascar, tomando com ele a Congregação conta da evangelização de mais uma colonia.

Desenvolvimento da Nova Sociedade Missionaria

Em vida de Libermann

Em 1848 a Congregação renovada do Espirito Santo contava já 43 membros, dos quais nada menos que 34 filhos do enxerto novo do Coração de Maria.

Contavam-se então em França tres residencias: a de Notre Dame du Gard (que substituira a de La Neuville); a de Bordeus, adquirida para cómodo dos missionarios prestes a embarcar, ou de volta da Africa; emfim a de Paris, séde administrativa da Sociedade, com a obra anexa de um Semi-

nario colonial, dirigido por membros da Congregação, e frequentado por aspirantes seculares ao serviço paroquial das colonias francesas.

O vicariato apostolico das Guinés, adjudicara-o a Santa Sé, como vimos atrás, à Congregação, em virtude das negociações do Veneravel Libermann. Nestas negociações evidenciou o humilde e despretencioso padre como a Providencia o talhara para iniciador dum movimento missionario.

«Chegou o santo Fundador a Roma, diz-nos o seu biografo, o Padre Laplace, na ocasião em que se celebrava com toda a pompa e solenidade a festa do apostolo S. Pedro; dias depois submetia à apreciação da Propaganda um longo e assás notavel memorial sobre a missão de Africa. Ali encarava Libermann essa questão sob todos os pontos de vista, discutindo todas as objecções feitas contra esse apostolado, e defendendo como Pai amantissimo os interesses dos seus queridos negros. Nesse documento em que enumerava, sem todavia as atenuar, todas as dificuldades que havia a vencer, e propunha os meios que mais proprios pareciam para delas triunfar, era o santo Fundador de opinião que nada importava tanto para o bom exito daquela obra, como o redigir desde logo um plano geral que, pelas suas qualidades, se tornasse estavel, e fosse seguido pelos membros do instituto com a maxima paciencia e perseverança. Devia esse plano ter em vista a instituição duma sociedade cristã, das mais completas, no seio da qual esses povos podessem adquirir não só a fé e muitos outros dons sobrenaturais, como tambem os *conhecimentos naturais que lhes faltavam com respeito à agricultura, às artes e aos oficios,* e mais estudos a que se destinavam. Queria ele que esse novo ramo da Igreja Catolica não constasse sómente de neofitos espalhados aqui e ali, de cristandades isoladas, de acampamentos de missionarios nómadas, *mas tambem de catequistas, de apostolos e religiosos* localmente formados. Recebeu o servo de Deus na cidade santa o mais favoravel acolhimento, sobretudo da parte da Sagrada Congregação da Propaganda.

«Fui muito bem recebido em Roma, dizia ele, e julgo poder dizer que a nossa ordem goza aqui de toda a consideração. Todos na Congregação da Propaganda nos estimam e nos favorecem, podemos tambem contar com a dedicação do nuncio de Sua Santidade em Paris, o qual sempre que me escreve se serve de termos proprios a animar-me. Bem sei que nunca devemos contar com o apoio das creaturas; comtudo quando a Santa Sé ou os seus representantes julgam dever proteger uma obra, pode toda a alma cristã ver neste facto

uma prova evidente da vontade divina e sentir por esse motivo uma grande e bem fundada satisfação.

Viu Libermann recompensada a sua confiança. A entrega por ele feita do seu importante memorial à Sagrada Congregação da Propaganda teve como resultado o estabelecimento de um novo vicariato apostolico, compreendendo as duas Guinés e a Senegambia, numa extensão de mil e duzentas leguas ao longo do litoral e sem limites para o interior.

Depois da morte de Mons. Truffet, ocorrida ainda em tempo do Fundador, conseguiu este que ao novo vigario das Guinés e da Senegambia, vicariato vago e quasi ilimitado, se atribuisse imediatamente um coadjutor. Foi este Mons. Kobés, sagrado em Strasbourg ainda antes de o ser o vigario apostolico, Mons. Bessieux, o sobrevivente milagroso da primeira leva apostolica (de quem já falamos, e que ainda se encontrava no interior africano, vindo a realizar-se a sua sagração na capela do Seminario do Espirito Santo só em Janeiro de 1849).

O fundador das Missões Africanas do Esp. Santo no seu leito de morte.

Em 1852, aos dois de Fevereiro, falecia em Paris em odor de santidade o Veneravel Fundador (cuja causa de beatificação procede em Roma lenta mas segura) com o sonho apostolico da Guiné a ocupar-lhe como obsessão os ultimos pensamentos. Deixava seus filhos a braços com a empreza da civilização cristã não só da Guiné, mas, como vimos, da Mauricia, de Bourbon, de S. Domingos, de Madagascar.

Tinha alêm disso o Veneravel Fundador concedido a Mons. Brady, bispo de Perth na Australia, cinco missionarios; mas a Providencia mostrou-se avessa à empreza de evangelizar os esparsos selvagens de uma vasta extensão despo-

voada: o padre Bouchet faleceu vitima dum empreendimento generoso mas sem fruto proporcionado, e os outros padres transferiram-se à ilha Mauricia, a ajudar o santo Laval na colheita dos frutos de salvação, que ele semeara e já não podia ceifar só.

Expansão postuma da familia de Libermann

O desenvolvimento rapidissimo que a Obra Missionaria tomou depois da morte do Veneravel Libermann requeria uma organização. Foi esta a obra do sucessor imediato. O P.e Schwindenhammer fixou nas Constituições, amplificação do quadro rudimentar das Regras de Bouïc amalgamadas com a preciosa Regra Provisoria de Libermann, as normas futuras da vida social, que foram votadas no Capitulo Constituinte de 1853.

Da Administração Geral destacavam-se as provincias, a da França e mais outras tres: Africa Ocidental, Ilhas do Oceano Indico, e Antilhas. Cada uma destas ultimas circunscrições religiosas, à medida que foi crescendo, foi-se ramificando, deitando gomos que pouco e pouco se diferenciaram e fixaram em divisões eclesiásticas independentes. Além disso foram dando razão ao empenho de se irem creando na Europa provincias novas, que recrutassem pessoal competente para civilizar povos que exorbitavam da esfera politica e colonial da França.

Nos vicariatos apostólicos das Duas Guinés e da Senegambia achavam-se englobadas a Liberia independente e de lingua inglesa, o territorio britanico da Serra Leôa, e a Gambia, inglesa tambem. Devia, pois, naturalmente surgir a ideia de uma provincia britanica da Congregação, para habilitar missionarios idoneos para a civilização, ao mesmo tempo cristã e inglesa, daquelas populações. Era natural pensasse a Direcção na Irlanda, a um tempo catolica e ingleza (ao menos de lingua...). Fundaram-se, depois em um estabelecimento provisorio em Blanchardston, os dois florescentes colegios de Blackrock e Rockwell, respectivamente em 1860 e 1864.

Mesmo antes de a Alemanha armar em potencia colonial pensou a Congregação em recrutar naquele país missionarios africanos. Estabeleciam-se dois nucleos de recrutamento, um

em 1862 e outro em 1864, ambos na diocese de Colonia, destinados, porêm, ambos a serem de pouca duração, porque havia de dissolvê-los o Kulturkampf em 1872. A provincia alemã, mui florescente antes da Guerra Europêa e fornecendo missionarios numerosos ao Zamguebar Alemão, só devia resuscitar em 1895.

Do estabelecimento da Sociedade em Portugal, que foi pouco posterior ao primeiro tentame de penetração na Alemanha, veremos mais amplamente.

Nos Estados Unidos, a Terra Santa Generosa da Liberdade, pensara já o proprio segundo Fundador, que não pudera ser insensivel, em seu coração de pai por adopção dos negros, aos milhões deles espalhados pelo territorio da grande republica, pujante, viril e generosa mas ainda então por libertar da nódoa vil da escravatura. Só em 1873, porêm, foi possivel a inauguração da hoje tão próspera provincia americana, pela aceitação de paroquias de missão na diocese de Cincinati.

Emfim, como a actividade belga, procurava nos trópicos um campo onde despejasse as inergias superabundantes da nação, como o vasto territorio do Congo, ainda que só em 1908 houvesse de vir a ser atribuido à Belgica, já então fosse campo reservado aos agentes inoficiais do rei dos Belgas, fundou-se em Lierre em 1901 a primeira casa da Congregação, começando a evoluir a provincia que em 1904 incorporaria tambem a nação vizinha e amiga, constituindo provisoriamente a divisão religiosa da Belgica-Holanda.

Em territorios de Portugal

Uma sociedade de bem-fazer que olhava, como numa obsessão, para os filhos de Africa a salvar, que os fôra procurar à ilha Bourbon, à ilha Mauricia, às Guinés, e até ao exilio de origem escrava do Haiti, não podia deixar de volver os olhos e a atenção para Portugal, o povo de vocação historica mais denodadamente africana, e ainda modernamente das poucas grandes potencias em Africa. O Veneravel Libermann abraçava já no âmbito de seu zelo salvador as colonias de Portugal. O proprio vigario apostolico Barron, apesar das miserias com que via lutar o pessoal do Espirito Santo posto a seu serviço para salvar a Guiné, pensava em enviar ao Congo, em 1842,

alguns dos missionarios. Mons. Bessieux, vigario das Duas Guinés, e Mons. Kobés, vigario da Senegambia, persegue-os, como um pesadêlo, tambem a lembrança daquela terra misteriosa, por cima da qual deslumbrara já o clarão evangélico mas de novo recaída na treva gentílica tão depressa!

Em 1852, o bispo de Angola e Congo—dispunha ao todo de cinco sacerdotes, quatro em Loanda e um em Benguela, para o serviço espiritual de tão vasta diocese: assim o contava o proprio bispo Moreira e Reis a um missionario do Espirito Santo que, passando por Loanda, lhe fôra apresentar sua homenagem.

Por isso submetia o P.e Schwindenhammer em 1865 ao Cardeal Prefeito da Propaganda um projecto de reevangelização do Congo acompanhado de um esplendido relatório elaborado pelo Padre Duparquet, e que foi tanto mais bem acolhido em Roma, quanto ali andavam já havia anos excepcionalmente solícitos àcerca dos interesses espirituais daqueles longínquos territórios. Com efeito, em 1855, pedira o rei do Congo ao Governo Português lhe mandasse missionários. A Santa Sé, para ajudar o nosso Governo a poder responder àquele apêlo, lembrou-se de apelar a seu turno para os Capuchinhos, que foram no passado os evangelizadores das regiões congo-angolanas. Mas aqueles frades, mal feridos por toda a Europa pela passagem da Revolução, não se sentiram com vitalidade suficiente para ousarem meter ombros à empresa. A Propaganda tenteou ainda o pulso de outra congregação italiana, mas nessa igualmente achou desanimo ante o empreendimento sugerido. Era pois como caído do Céo que chegava à Sagrada Congregação o oferecimento de Schwindenhammer, ávidamente aceite, sendo logo o Congo confiado ao zelo apostólico da Congregação, sem detrimento dos privilégios do Padroado Português, nem da jurisdição espiritual do bispo de Angola e Congo.

O decreto, que assim provê ao bem espiritual das nossas colónias da Africa Ocidental (e que não é senão a restauração da prefeitura apostólica, em 1640 estabelecida por Urbano VIII, a pedido de portuguêses e congolanos) deve ser lido e pon-

derado. Salvaguarda escrupulosa e atenciosamente os nossos direitos e pondunores nacionais. E' seu teor o que segue:

«Por fins do século XV era a luz do Evangelho levada até às populações do Reino Africano do Congo; e o próprio rei, entrando para o seio da Santa Igreja Católica, (1) implorou da Santa Sé a erecção de um bispado nas suas terras e estados.

A séde episcopal fixou-se em S. Salvador; mas, ou em vista da distancia a que este centro ficava do mar, ou devido às dificuldades de comunicação com europeus, julgaram conveniente os bispos transferir dali a residencia para S. Paulo de Loanda, cidade que os Portugueses haviam edificado nas costas do oceano, uma vez conquistada a região de Angola. Com a graça de Deus propagou-se maravilhosamente a religião; e dentro em pouco se achavam insuficientes os obreiros evangélicos para cultivar em toda a extensão a vinha do Senhor; e os bispos tiveram de restringir-se às populações já submissas ao governo de Portugal. Os povos do Congo, outra vez sem pastores, imploraram de novo a Santa Sé para que lhos enviasse.

Em 1640 Urbano VIII, papa, cedendo à expressão daqueles desejos, enviava-lhes missionarios de Itália, dirigidos pela Sagrada Congregação da Propaganda. Inaugura-se uma *prefeitura apostólica* confiada aos religiosos capuchinhos; um dos religiosos da leva missionária ia investido na dignidade e armado das prerogativas de prefeito apostólico.

O zelo dos novos missionários e a benção divina fomentaram progressos tais, que a influencia da Missão nova começou mesmo a sentir-se a dentro dos confins de Angola e seu bispado. Para prevenir conflitos possíveis e ocasionadores de grave detrimento para a Missão, para manter uma atmosfera de harmonia e bom entendimento, emitia a Propaganda, a 14 de janeiro de 1726, instrucções pormenorizadas a respeito das relações de uma e outra jurisdicção.

Entretanto esta Missão, que de começo produzia tão maravilhoso fruto, foi caíndo, definhando, em virtude de recusarem as náus transporte de missionários, especialmente italianos, e como consequencia de se abolirem em Portugal as ordens

---

(1) Alude ao bàtismo de João I e esposa Leonor, assim chamados em honra do nosso D. João II e da rainha.

religiosas; destarte achava-se a Missão, em 1835, por inteiro abandonada. Assim se achavam os fieis, que ficavam por aquelas regiões, outra vez ao abandono, privados de qualquer socorro religioso.

Em 1855 escrevia o rei da terra ao Governo de Angola que lhe enviasse um padre católico a bàtisar-lhe os próprios filhos e os de seus subditos, deixados por bàtisar desde a retirada dos missionários. Isto se fez com efeito; demais, começava o Governo de Portugal e a Santa Sé a pensar no restabelecimento da antiga Missão; mas foi impossível realizar-se um tal projecto. Em vão recorria a Congregação da Propaganda, no empenho de cumprir os desejos do Sumo Pontífice, a ordens religiosas diversas, bem como a associações de sacerdotes seculares: de nenhures surgiam obreiros evangélicos.

Enfim, em data recente, propoz-se aquela Missão aos Padres do Espirito Santo, que possuem missões limítrofes nas Guinés; e o Superior Geral da mencionada Congregação requeria à Santa Sé a concessão dela, em relatório de 14 de Março dêste ano.

A Sagrada Congregação da Propaganda julgou seu dever o acolhimento favorável deste pedido inesperado; antes, porêm, de dar uma decisão, informou daquele requerimento o Ministro Geral dos Capuchinhos, pedindo-lhe categóricamente respondesse se podia ou não fornecer missionários à Missão, outrora confiada à sua ordem, e incumbir-se outra vez daquela Missão. Respondeu o Geral em 31 de Julho último, após maduro exame e consulta do procurador geral das Missões da Ordem, que se achava incapaz, por infelicidade dos tempos, de prover às necessidades espirituais dos povos em questão, que renunciava, por conseguinte, a essa Missão e a cedia a outros obreiros.

Como consequencia, a S. Congregação da Propaganda achou que devia suplicar a Sua Santidade se dignasse aceitar a renuncia feita pelo Geral dos Capuchinhos e confiar à Congregação do Espirito Santo e do Imaculado Coração de Maria a Missão do Congo, sob a imediata dependencia da Santa Sé, *conservando,* porêm, a *jurisdicção do bispo de Angola,* nos termos da instrução de 14 de Janeiro, acima citada.

Este parecer da S. C. da Propaganda foi apresentado por mim, abaixo assignado, Cardial Prefeito, a nosso S. P. o Papa Pio IX, em audiencia de 10 de Agosto de 1865, e S. Santidade

dignou-se aprová-lo em tudo, ordenando se expedisse o presente decreto, não obstante qualquer cousa em contrário.

Dado em Roma, no Palácio da Sagrada Congregação da Propaganda, aos 9 de Dezembro de 1865.

AL. BARNABO, *Prefeito.*

(Logar do sêlo)

H. CAPALTI, *Secretário.*»

Os primeiros missionários do Espírito Santo em plagas angolanas. Padre Poussot e Padre Espitallié

Para a missão nova, que logo começou a enamorar os entusiasmos juvenis dos cavaleiros romanescos do Apostolado, por lhes lembrar, pelas ruinas acumuladas dos séculos idos, as igrejas famosas e caídas do Norte de Africa, foram entretanto nomeados dois exploradores: o Padre Poussot, veterano da Guiné, já com uns quinze anos de lides africanas, e um recruta em todo o verdor dos sonhos juvenis de aventura santa, o P.e Espitallié. Agregou-se-lhes um Monsieur Billon, ex-soldado colonial, que a missão entusiasmára.

Fixaram a partida para os 25 de Janeiro de 1866. E entrementes, como iam a trabalhar por súbditos de Portugal e convinha que as autoridades portuguesas compreendessem, desde o começo, que a vinda dêles era de amigos, quizeram obter para o Governo Português letras de recomendação no ministério dos estrangeiros de Paris. Obtiveram-nas efectivamente, graças aos amigos e numerosas relações do Geral Schwindenhammer; e a 4 de Fevereiro já o Padre Poussot escrevia de Lisbôa, cheio de alegria portuguêsa e de confiança no porvir.

Hospedaram-se os dois padres em casa dos Lazaristas de S. Luiz. Depois da visita à Nunciatura, aonde Mons. Inocencio Ferrieri os quiz receber no quarto em que se achava doente, animá-los e aconselhá-los, o Padre Miel, que os acolhera, foi ele próprio apresentá-los ao embaixador francês. Recebeu-os o secretário da embaixada, Marquês de Savoie, que lhes assegurou a benevolencia do Governo Português, a quem foram já oficialmente recomendados.

Ficava só encontrar navio que os levasse ao Congo. A Companhia de Navegação andava desorganizada, e passára-se todo janeiro sem um só transporte. A 5 de Fevereiro encontrava-se prestes a substituir a carreira nacional um navio inglês, o *Lincolnshire*. Aproveitaram-no os dois missionários e, às 3 da tarde, lá iam barra em fóra com destino a Ambriz. Monsieur Billon acompanhava-os.

Aonde o vapor fez escala (Madeira, Principe, S. Tomé) penhorou comovidamente aos dois estrangeiros a simpatia dos portugueses. Falam as correspondencias deles muito especialmente de como os cativou o governador da ilha de S. Tomé. Iam assim desenvolvendo mais a ternura da Patria que, mesmo por bem da causa de Deus, se tinham resolvido a amar de então como sua.

Chegados a Ambriz, deram-se os missionarios pressa em ire visitar o governador civil que, ouvidos os objectivos da vinda dêles, se deu por satisfeito.

Na cidade descansaram alguns dias, a refazerem-se das fadigas da longa viagem, hospedados em casa de um pobre sacerdote encarregado de paroquiar Ambriz. Depois partia o Padre Poussot para Loanda, porque não queria empreender cousa alguma sem prèviamente obter o beneplacito das autoridades superiores, eclesiasticas e civis.

Avistou-se com o bispo de Angola, D. José Nilo de Oliveira, a 3 de Abril, primeiro no paço episcopal, em segunda audiencia no do Governador Geral. Resolveu-se que o padre requereria por escrito jurisdição na diocese, para se conformar com a Instrução de 1746, que regulara as relações do bispado com a antiga prefeitura apostólica. O Governador foi por igual benévolo, seguindo, aliás, as instruções que a este respeito recebera de Lisboa: — que tratasse os missionarios por modo digno e hospitaleiro. Prometeu-lhes todo o apoio, desejou-lhes sinceramente que se estabelecessem e prosperassem, e encarregou-se até de em nome dêles pedir e de obter-lhes o *placitum regium*, sem o qual a legislação do tempo não permitia estabelecimentos eclesiasticos nem iniciativas religiosas.

No entretanto era preciso esperar, adiando a inauguração da missão do Congo. Foi resolvido viesse de Ambriz o Padre Espitallié com o agregado leigo, que tinha ficado em companhia dêle. E todos três ficaram vivendo no paço episcopal, que era ao mesmo tempo seminario diocesano, prestando os serviços de que se lhes oferecia oportunidade, e adestrando-se para o desempenho de futuras funções de apostolado, pelo estudo da nossa lingua, do nosso direito, da nossa civilização.

Alarme dos politicos

Fevereiro 1866

Debate nas Camaras àcerca dos missionarios franceses

«A missão do Congo causou emoção em Portugal, escrevia ao Geral o Padre Duparquet (um dos apaixonados da missão nova, o qual, se não partira com os dois primeiros missionarios, se não considerava senão como um recruta *esperado,* e considerando já seus os interesses do exercito novo). «Se pode ser util à Congregação ser conhecida naquele país, não será notoriedade o que dora àvante lhe faltará. Pronunciaram-se quatorze discursos, somando os da camara dos Pares com os da outra camara: favoraveis, hostis, e emfim moderados, simplesmente tolerantes. Está com estes o Governo: e foi este quem prevaleceu por 77 votos contra 21».

O deputado Pinto Coelho tomou a defesa dos missionarios e da Santa Sé, e fê-lo com rara inteligencia e coragem. Aludiu à aceitação pelo Governo Português da prefeitura do Congo, já em 1640, e acrescentava esta observação que era como um vesicatório para a exaltação alucinada de um patriotismo doentio:

«Não tenho motivos, nem creio que os haja, para crer que a Santa Sé se oponha à realização do nosso padroado. Aquilo em que a Santa Sé não poderia consentir é que o nosso padroado sirva só para *impedir a civilização católica dos povos a ela submetidos*».

O deputado da oposição, Levy Maria Jordão, aproveitou da oportunidade para um ataque em forma ao Governo (pois que da Congregação fazia, ao contrario, um esboço histórico muito benévolo) que achava covarde na defesa da nossa dignidade contra a audacia da Sé Apostólica! «A Camara, dizia a proposta do deputado, compreendendo que no proceder da Curia Romana, confiando as Missões do Congo à Congregação do Espirito Santo, sem consentimento de Portugal, ha ofensa contra a dignidade da nação, contra o seu direito de padroado na diocese de Angola e Congo, contra as leis do reino e contra a nossa suzerania no Congo, passa à ordem do dia».

O Conde de Castro, ministro dos estrangeiros, respondeu pelo Governo à catilinaria violenta com que o deputado da

oposição defendia a sua proposta. O ministro não deixava de achar digno de censura o proceder da Santa Sé, que assim desconhecia os nossos direitos no Congo e tratava com missionarios estrangeiros sem nos consultar sequer: para Roma, porêm, fôra já a reclamação do Governo Português, e este pedia à Camara houvesse por bem confiar nêle e esperar a resposta diplomatica de Roma, para ver como o Governo zelava a causa da honra nacional. (1)

Entretanto, como queria o deputado que o Governo tivesse tratado os missionarios? Que os prendesse?! E com que direito?! Os mares são livres. Que os não admitisse a bordo de navios com rumo ao Congo? Mas nem só barcos portugueses faziam vela para a Africa Portuguesa.

O deputado Antonio de Serpa, tomando a palavra depois do ministro, e combatendo a politica de intolerancia pseudo-patriotica do deputado da oposição, acaba por mandar para a mesa esta moção:

«A Camara, ouvidas as explicações do Governo e confiada em que ele saberá defender a dignidade nacional e os direitos da Corôa, passa à Ordem do dia».

Com a aprovação desta proposta, a politica de tolerancia triunfava. Deixava a Camara ao Governo o cuidado de obter explicações da Cúria e de salvaguardar a dignidade e os direitos nacionais. E como, aliás, aprovava a acção do Governo, e como o Governo declarara que lhe parecia absurdo impedir a acção dos dois missionarios, é claro que a Camara admitia os missionarios.

---

(1) O Padre Duparquet parece lamentar o esquecimento de consultar a Portugal neste negocio da prefeitura do Congo confiada à Congregação. E explica este descuido pela convicção de que Portugal se tivesse desinteressado do Congo. Ignoravam em Roma que, desde 1860, o rei congolês D. Pedro V, sendo-lhe a coroa disputada por seu irmão Alvaro, recorreu ao governo de Angola, que o ajudou a vencer o rival, e nós estabelecemos um forte em S. Salvador. Ficou assim restabelecida a soberania portuguesa, esquecida desde que, com a supressão da escravatura, o Congo deixara de enviar anualmente a Loanda seu tributo de *600 escravos*.

E' verdade que esse pomposo nome de D. Pedro V, rei do Congo, não era o de nenhum monarca a dispor dos destinos do reino inteiro: «A Camara, dizia nesta sessão o deputado Seixas, representante de Angola no parlamento, não faria a puerilidade de o imaginar. D. Pedro não passa de um soba Catenda, a valer-se do nosso auxilio para mandar na aldeia. Mas as nações da Europa não precisam mais para imporem protectorados!»

A's portas do Congo

De Loanda outra vez para Ambriz

Emquanto se não abriam as portas do Congo, emquanto não mostrava a Providencia, por uma oportunidade que se oferecesse, a confirmação divina dos projectos zelosos dos missionarios, iam os dois padres estudando campos onde de futuro pudesse o zelo frutificar. Saíram de Loanda em direcção à foz do Bengo, acompanhados de um comerciante francês estabelecido na cidade e de um seminarista, de nome Carvalho, que aproveitava das férias forçadas que lhe deixava o

LOANDA. — Bairro indigena.

encerramento do seminario local. Iam visitar o antigo convento franciscano de S.to Antonio. De pé só se achava a igreja. Em redor, signais esparsos de antigas culturas e grande variedade de arvores frutíferas escondidas e abafadas pela mata.

Das ruinas tristes daquela missão antiga dirigiram-se à aldeia de Quinfangundo, onde havia cristãos dispersos, e ali cantou missa um dos padres, emquanto os outros excursionistas executavam o canto coral, entremeado com as sinfonias triunfantes de um realejo, que para a função trouxera certo comerciante americano do sitio.

Voltaram ainda a Loanda a assistir às festas religiosas e oficiais da Assunção da Senhora, em comemoração da recon-

quista, em 1648, da cidade aos Holandezes. Depois começaram a pensar na urgencia de um trabalho seguido e util, em que se empregassem, emquanto não pudessem iniciar a sonhada reconstituição cristã do Congo. Ambriz, ás portas da vedada Terra Prometida, pareceu-lhes ainda o que melhor havia como campo provisório de acção. E oferecia-se precisamente então uma ótima oportunidade de se estabelecerem lá. O paroco partia para Lisboa, e era preciso quem o substituisse. O vigário geral, na ausencia do bispo que tambem recolhera a Portugal, assim como o governador, aceitaram o oferecimento dos padres.

Espitallié foi, pois, em Agosto de 1866, ocupar aquele posto oficial, seguido ainda do auxiliar Billon, que um mês depois havia de ser vitimado por um ataque violento de febre, deixando o padre só, sem uma dedicação generosa e amiga, em meio de paroquianos, cuja lingua começava apenas a balbuciar.

O P.e Poussot, com efeito, seguira por então outro rumo. Em fins de julho chegara do Gabão e ancorava na baía de Loanda a fragata francesa *Zenobia*. O capitão dela, vice-almirante Fleuriot de Langle, após a visita oficial ao Governador, quizera ir ver ao Seminario os padres franceses. Como estava à espera de um vapor da estação do Gabão, que devia regressar de Mossamedes e singrar em direcção do Zaire, ofereceu o capitão ao padre passagem livre a bordo. Foi em fins de Agosto que o *Curieux* voltou do sul para seguir viagem para o Congo e que Poussot, aproveitando agradecido o oferecimento do respeitavel compatriota, passou sucessivamente em frente de Ambriz, Quissembo, Ambrizete, chegou à Ponta do Padrão. Dali seguia o *Curieux* para o Norte. Foi o padre desembarcar à cidade de Banana, donde soube partiria uma chalupa rio acima cinco dias depois. Esta embarcação só o levou ao Porto da Lenha, 30 milhas para o interior; dali seguiu uma flotilha composta de duas pirogas e de duas grandes chalupas armadas (para prevenir qualquer ataque dos Mussurungus, guerilheiros selvagens e rapaces). Uma das canôas ou pirogas caía, com efeito, nas mãos duns assaltantes, por via da impericia dum negro, que, ao defender-se, deitara fogo a um barril de polvora. O resto da equipagem chegou no mesmo dia a Matera, aonde o missionario se entreteve com o chefe da tribu, Chimbache, e lhe falou da missão que pretendia vir a desempenhar naquela terra. Depois subiu a flotilha até Boma, centro do trafico português com o sertão, e ali se deliciou o padre admirando naqueles panoramas encan-

tadores e adivinhando, naquelas populações pacificas e boas, excelentes possibilidades de futuras missões florescentes.

Era preciso, porêm, aproveitar da ocasião e descer. Tomados quantos apontamentos julgou pudessem vir a ser uteis, voltou o missionario a Porto de Lenha. Tres dias depois, seguia para S.to Antonio. E a tres de Outubro pisava pela primeira vez terras do Sonho, de tão históricas e tão dolorosas memorias. Foi este país o que primeiro recebeu o Evangelho; o rei do Sonho, vassalo do «grande rei», que depois se chamaria D. João do Congo, foi bàtisado com sua côrte muitos anos antes de o ser seu suzerano.

Dos tempos de gloria só encontrou o Padre Poussot a famosa *igreja* onde celebrou missa, mas onde já se não ajuntavam cristãos, porque de ha muito os não havia! O unico resto das antigas crenças, e este só material, viu-o o padre em mãos do rei, na residencia oficial de S.to Antonio: um crucifixo antigo, que o rei pagão guardava com supersticioso cuidado e mostrava com muita ufania.

De Santo Antonio era preciso voltar a Ambriz, onde o pároco improvisado Espitallié, a dizer missa numa sala do hospital, por falta de igreja, e a contentar-se, aos domingos, com a missa conventual, solenizada pela assistencia ceremoniosa das tropas, mas logo seguida do desaparecimento total dos fieis, anciava pela volta do companheiro, para combinarem ambos mais apostolado e mais contacto com as almas. Atéli, só pudera o missionario comunicar com uma alma: a do Snr. Jacinto, que hospedava os missionarios em sua casa e que, apesar de ex-degredado, os tratava com uma caridade de santo e uma gentileza de cavalheiro. Agora queriam começar a reunir almas arredías de filhos de selvagens, e i-las iniciando na arte de ler e de escrever, e ao mesmo tempo de amarem, de serem boas. Começariam a missionar modestamente, até que lhes abrisse a Providencia campo, em que pudessem vir a ser mais largamente uteis ao bem das almas e à Civilização.

Em Mossámedes

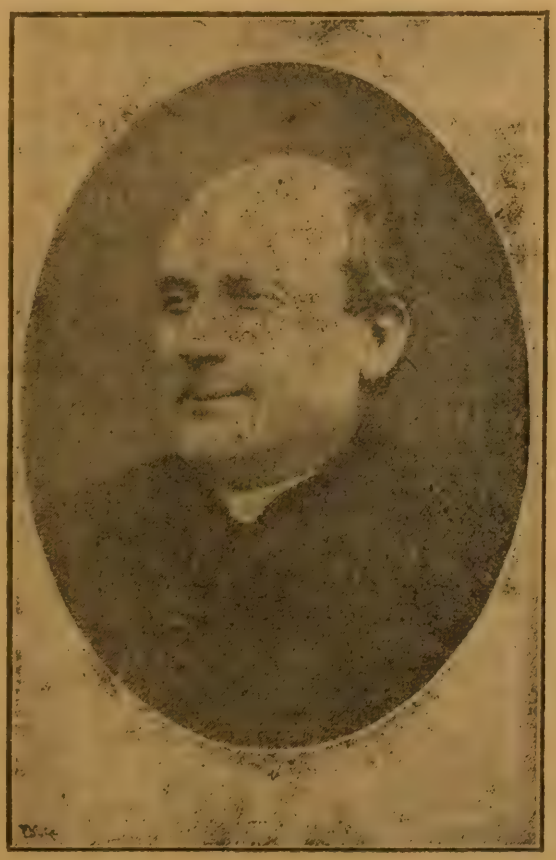
O Padre Duparquet

Começamos agora a lidar com o verdadeiro e fervente cavaleiro enamorado das Missões Portuguesas, que identificara com a fortuna delas a ventura de sua vida e que, já mesmo em França e em Cellule, para onde teve de ir preencher o logar vago do Padre Espitallié, fazia de conta que o seu dever e principal labor não poderia ser outro que não a preparação da sua futura tarefa congo-angolana.

Passado um ano de meio resignada detenção na patria, partia o ardente Carlos Duparquet para Lisboa, a caminho do Congo, em Setembro de 1866. Não pôde demorar-se em a nossa capital senão um dia (o dia 4 de outubro, que os dias 2 e 3 passára-os detido no lazareto, por motivo do *cholera*, que então grassava em França).

Partia para o Congo, dia 5 de Outubro, a bordo do vapor inglês Yorckshire, mas era forçado a não passar além da Madeira: a maquina do transporte inglês desarranjou-se, e a equipagem teve de passar a bordo do Dom Pedro, em retorno de Angola, que os reconduzia a Lisboa.

O contratempo era, aliás, de alguma sorte providencial. O missionario precisava realmente de algum tempo para fazer conhecimento com entidades varias, queria entrevistar o Nuncio, e sobretudo convinha-lhe avistar-se com o bispo Nilo de Oliveira, que ainda se encontrava em Lisboa. Nos informes,



P.e Charles Duparquet.

que obtivera em seus empenhados estudos do ano passado, o padre colhera que um estabelecimento mais meridional que no Congo, aí por alturas de Mossámedes, não deixava de oferecer mais garantias de exito, vista sobretudo a maior salubridade do clima. E Duparquet já ia de França entendido com os superiores para não se prender com as experiencias dos colegas do Congo, ou do Norte. Logo após a entrevista com o bispo, Duparquet escrevia de Lisboa para França:

«Sua Excelencia Reverendissima animou-me encarecidamente e propôs-me até um local, no distrito de Mossámedes, denominado Capangombé; e eu, inquirindo doutras fontes o que aquilo realmente era, julguei dever aceitar o oferecimento. O bispo sugeriu-me fizesse um requerimento, escrito em papel selado, com o fim de alcançar o título de pároco de Capangombé. Esta é uma colonia portuguesa recente ainda, sem côngrua oficial, mas com um compromisso escrito de os paroquianos pagarem equivalente de uns 1.200 fr., para sustento do pároco.

Concedeu-me tambem o prelado jurisdição em todo Mossámedes, e até me autorizou verbalmente a abrir escolas e internatos».

Munido de uma carta do bispo para o vigario administrador de Angola e de outra para um habitante de Mossámedes, capaz de o ajudar nos primeiros tempos e primeiras necessidades, outra vez embarca o nosso missionario a 18 de Outubro, e chega a Loanda, emfim, aproximadamente um mês depois. Ali foi acolhido com uma hospitalidade que o comoveu, por parte do elemento civil como do eclesiastico. O Governador foi para com ele duma boa vontade rara: concedeu-lhe, em Capangombé, o terreno que ele precisasse, mandou-lhe dar travessia livre por conta do Estado até Mossámedes, e recomendou-o por escrito ao governo particular daquela cidade.

A 17 de Dezembro de 1866 é que o fundador das Missões Angolanas do Espirito Santo punha pé na terra dos seus sonhos, entrando em Capangombé, acolhido por simpatias de todos os lados. Escrevia logo ao Superior Geral esta carta, que é um *magnificat* de alegria e de triunfo:

— «Cá estou, enfim, a termo da minha longa viagem. Segunda-feira, 17 dêste mês, cheguei à fortaleza de Capangombé, e estou por ora a gozar a hospitalidade de um colono rico dêstes sitios, um Snr. Brochado, autor de uma erudita memoria sôbre o distrito de Mossámedes . . .

. . . «Ainda não passei aqui tempo bastante para dar a V. Rev.ª informações particularizadas àcerca de Capangombé. O que posso dizer é que estou satisfeitissimo: não podia encontrar posição melhor para a obra que empreendi realizar . . .

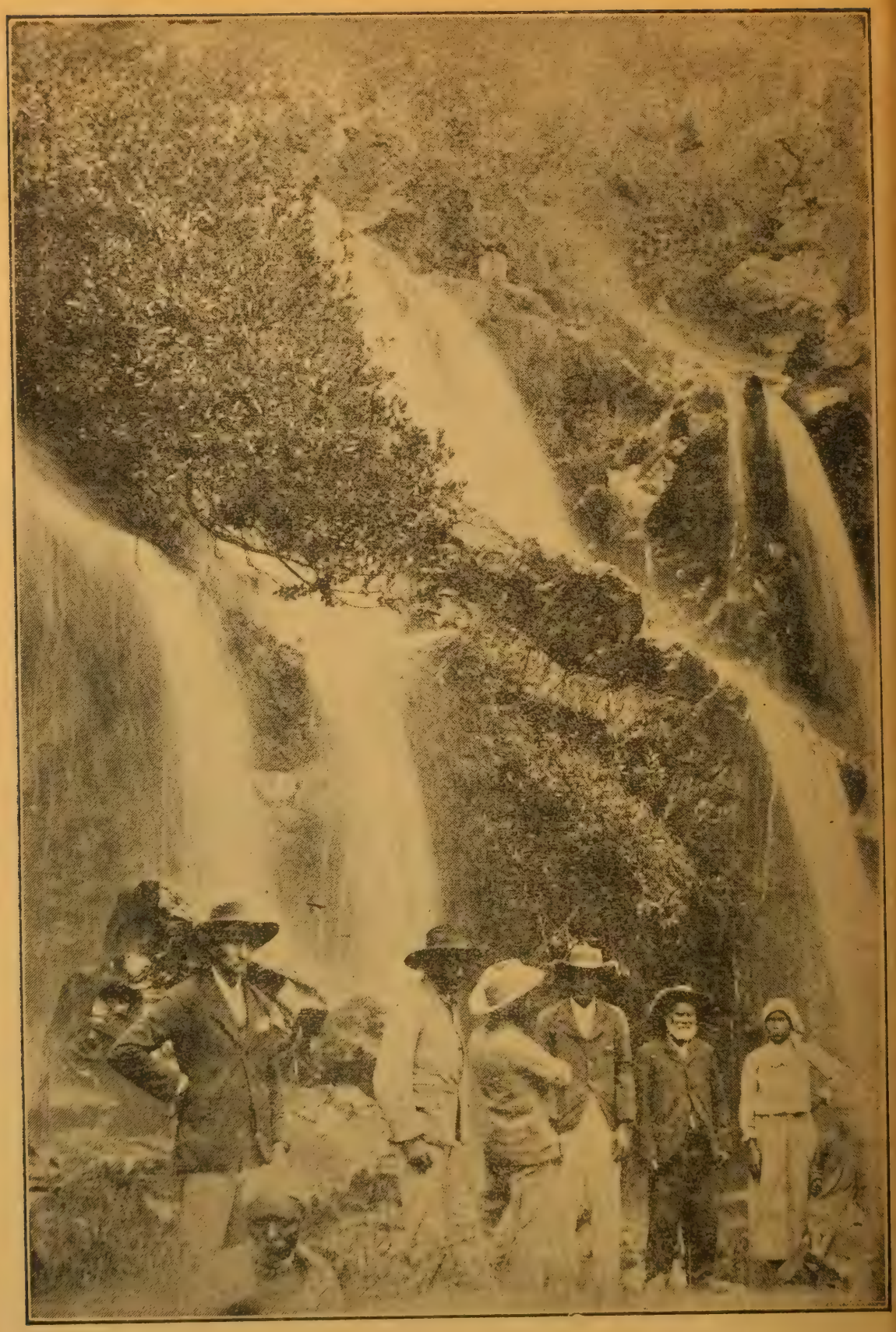
«Capangombé, abreviado de Capopangombé, significa, na lingua local, *sitio de inexauriveis gados*. A região estende-se para ocidente, ao pé de extensas e altas serranias, em um vale de aproximadas dez leguas de comprido. São estas montanhas quasi talhadas a prumo e dão origem a ribeiros numerosos, que fertilizam o vale inteiro. Neste vale estabeleceram-se já colonos da Europa; e apesar de haver seis anos apenas que se lançaram as fundações da colonia, não há fazer ideia aí do trabalho imenso já realizado: numa extensão de dez leguas, está o terreno quasi inteiramente desbravado e coberto de plantações magníficas de cana, café e algodão.

Ha fazendas em que as culturas ocupam três leguas de extensão, ocupando numero sem conta de escravos. Cada fazenda é uma freguesia verdadeira; disto provém dificuldade consideravel para o ministerio religioso, pois é quasi impossivel reunir tais multidões para a instrução e para os oficios divinos. E comtudo, bem necessitados se acham estes pobres trabalhadores de que se ocupem dêles. As creanças, principalmente, estão com grande precisão de quem as instrua; algumas, já grandes, carecem ainda por completo de ideias e conhecimentos religiosos . . .

«Todas as tardes veem juntar-se ao meu redor as creancinhas todas, e com elas os escravos, para aprenderem . . .

. . . «Há trabalho imenso a realizar, mas há tambem obstáculos consideraveis a superar, visto o espaço vastissimo por onde anda dispersa esta população. Para a evangelizar, não há senão passar sucessivamente por todas as fazendas, e para isto não chegará nunca toda a actividade de um só!»

O trabalho extasiava a generosidade ardente do jovem apostolo; mas começou a sentir desde o principio a angustia caridosa dos apóstolos de todos os tempos: — Ai! A seara é grande, mas são poucos os obreiros!...



Nos vales paridisíacos da Chela (Mossámedes).

Primeiros passos da Congregação no continente português

Desacorçoando das missões portuguesas. Mortes. Retiradas.

Os primeiros meses da vida missionaria em Mossámedes aproveitou-os Duparquet para reconhecer a região. Aproveitando da volta ao interior de alguns soldados, que tinham vindo trazer preso um chefe da Huila, dirigiu-se o padre para o planalto da Chéla e explorou-o com entusiasmo. Ao voltar a Mossámedes (antes a Capangombé) encontrava um companheiro recem-chegado do Gabão, um Monsieur Crétin, ainda estudante, que os superiores maiores lhe enviavam para lhe temperar a solidão.

Mas quando tudo simulava paz e parecia favorecer o encetamento da organização é que principiava a tribulação e a dura prova. A passagem de Duparquet por Lisboa e o embarque dele para a Costa Ocidental angolana tinham feito reviver nas Camaras as recriminações, que um ano atrás havia suscitado a partida para o Congo de Poussot e Espitallié. O deputado Levy levantava outra vez o clamor de alarme contra os estranjeiros; Lopo de Avila apoiava a interpelação e sustentava-a. A questão era deferida ao Conselho da Coroa, onde ficava empatada, para libertação do governo, que assim calara a oposição; mas em Angola os missionarios, emquanto não positivamente aprovados da metrópole, ficavam tão inteiramente tolhidos em seus movimentos como se condenados. Foi por isso que Duparquet se resolveu a vir a Lisboa a ver se aviava a legalidade da sua empresa; legalidade sem a qual, apesar da manifesta bóa vontade de governadores e de vigarios gerais, e até do bispo, não havia dar um passo para a frente; porque, como dizia ao missionario o governador geral, havia nele (e nos outros funcionarios) dois homens: o privado, que estimava imenso o padre, o publico e o oficial, que dele era forçado a desconfiar, por imitar a metrópole!

Foi a caminho do reino que o missionario ruminou a ideia da organização futura da obra definitiva do Espirito Santo em dominios portugueses: era preciso que o desenvolvimento e a estabilização da obra missionaria fosse feita por mãos de nacionais.

Missionarios estranjeiros, por amor do Evangelho e fé sobrenatural, podem ter um patriotismo de cidadãos adoptivos, para não comprometerem por politica (o que seria criminoso e impio) os interesses do Salvador. Mas o patriotismo fervente do missionario em circunstancias normais, quer dizer, trabalhando no país de sua nacionalidade, é um estimulante que a Igreja abençoa, porque dá mais eficiencia ao trabalho sobrenatural, apaixonando-o.

Em Lisboa, então, vinha o zeloso amigo de Angola resolvido a não se poupar a esforços para assegurar, ao mesmo tempo, a liberdade de trabalho para si e a fundação de um núcleo de sucessores da sua obra civilizadora e apostólica.

Depois de se acautelar com boas e favoraveis disposições dos membros principais do ministerio (contava mesmo com a dedicação do ministro dos Estrangeiros, Casal Ribeiro) o Padre Duparquet pôs-se em campo para encontrar local apropriado à fundação projectada de um estabelecimente recrutador e habilitador de missionarios.

Por sugestão do célebre lexicógrafo Roquete, com quem travara relações amigas em Lisboa, foi procurar em Santarem um edificio que servisse de internato a alguns jovens, que viessem a deixar-se empolgar pela ideia religioso-patriótica do apostolado colonial, e que em familia se moldariam, sob o influxo de aspirações comuns, ao modo da vida peculiar que haviam de seguir, ao mesmo tempo que assistiriam às aulas do seminario patriarcal, para assimilarem os conhecimentos necessarios ao estado eclesiástico. O «Padre Manoel», ex-carmelita, director espiritual do seminario, encarregara-se ele mesmo de arranjar casa e alugara, com ardente dedicação, para os missionarios a residencia, vizinha do seminario, do Dr. Velhinho.

A 3 de Novembro de 1867, chegava de França o Padre Carrie, com dois escolásticos franceses, os srs. Dissan e Rulhe, escolhidos para pedras de fundamento do futuro *escolasticado* português. Os professores e reitor do seminario-liceu preparavam aos recem-vindos a mais cordial acolhida. Um dos mestres levou a benevolencia afectuosa ao extremo de ir cada dia dar aos estranjeiros duas a tres horas de aula de português gratuita, afim de os habilitar a aproveitarem mais depressa dos cursos públicos.

Em fins de janeiro do ano seguinte (de 1868) chegava à *Casa do Congo* (assim se intitulara o germenzinho de viveiro de missionarios) o primeiro candidato português, o Sr. Policarpo dos Santos, aluno do seminario patriarcal. Em março

seguinte entravam mais doze; e mais seriam admitidos, se não fôra a exiguidade de instalações na casa provisória. Aí ficaram até ao fim do ano lectivo.

No princípio do seguinte, a 25 de Outubro de 1868, chegava a Santarem, em vez do Padre Duparquet, que tinha ido a França, o Dr. José Eigenmann a tomar conta da província nascente. Duparquet conseguira que o deixassem livre e à disposição das missões portuguêsas em embrião, e o grande e inteligente sacerdote suisso, seu sucessor, vinha presidir à organização da sociedade missionária no continente desta nação, que de agora em diante ele ficará a estremecer como sua pátria verdadeira.

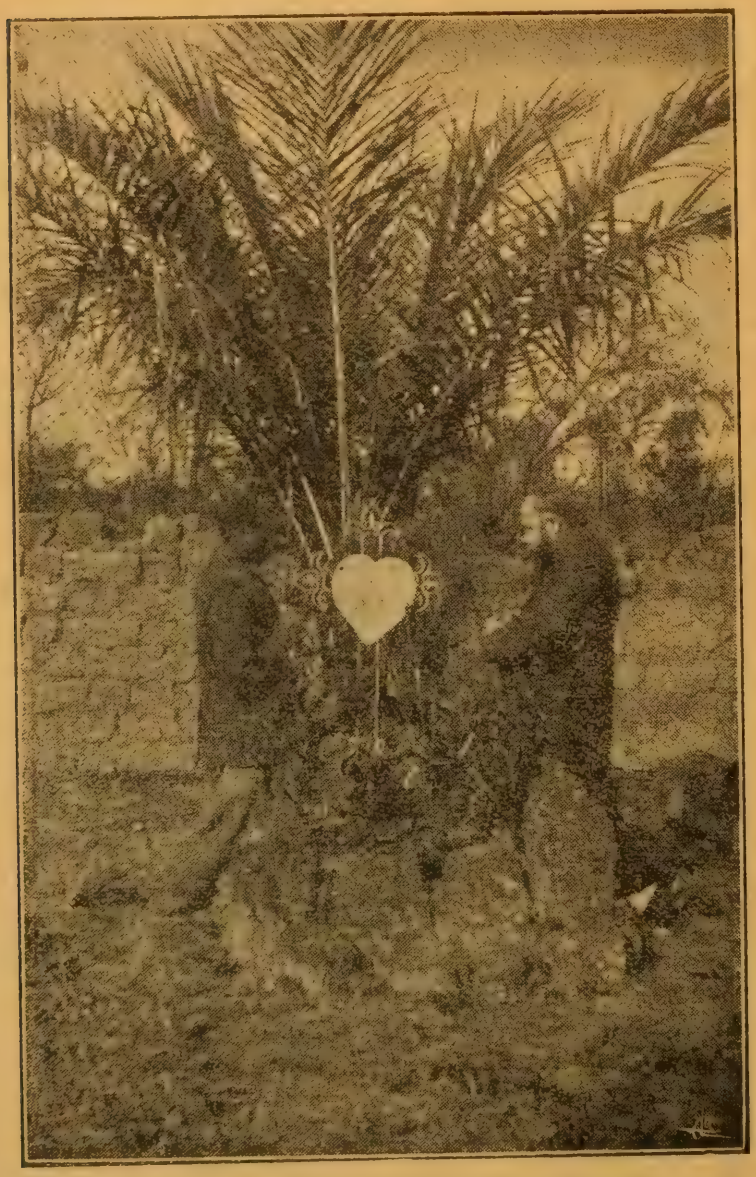
O número crescente dos alunos exigia, como íamos dizendo atrás, um edifício mais vasto. O P.e Eigenmann obteve-o em setembro de 1869, alugando em condições favoráveis a casa do falecido General Guerra, a qual não tinha pretendentes, por o rumor público, supersticioso, a supôr frequentada por almas penadas!

P.e José Eigenmann.

Mas pouco tempo serviu a habitação nova. Os negócios da missão do Congo e Angola ficavam empatados oficialmente, apesar dos esforços supremos, em Lisboa, do Padre Duparquet. Desalentado, este partia para Zanzibar, em fins de 1869. E a «Casa do Congo», que para o Congo tinha sido fundada, começava-se a recear viesse a não ter razão de ser.

Como, ao mesmo tempo, se houvesse oferecido à Congregação aparente oportunidade de uma obra a iniciar às portas da Africa e da Espanha, em Gibraltar, resolveu a Casa-Mãe transferir para ali o instituto de Santarem. Entregues às

famílias os alunos de idade excessivamente tenra, partiram os outros para Espanha, acompanhados do director (1).



A' sombra da cruz e da palmeira.

O Padre Poussot que, exausto dos trabalhos do sertão de Angola, convalescia em Santarem, partiu então para a pátria. O P.e Carrie tinha-o ido substituir na Africa, acompanhado de um P.e Dhyèvre; reforço aliás caído do Céu por sôbre a triste missão de Angola, titubeante embora sôbre seu futuro, mas que principiava a necessitar pessoal que mantivesse as obras encetadas, quando via os obreiros da primeira hora retirarem uns após outros: Poussot exgotado de fadigas, Duparquet desanimado com as peias que lhe quebranta-

(1) Além do Sr. Alexandre Rulhe, originário da França, mas que, de então para futuro, se considerou português (e nas provas do liceu obtivera distinção *em tudo, excepto em francês!)* iam com Eigenmann para Gibraltar os Srs: Santos, Mendes, Pereira, Silva e Antunes.

vam o ardôr, enfim Espitallié, que em Março de 1869 falecia, vítima primeira do apostolado angolense, e era enterrado em Loanda com as honras e sentimento devidos a um estranjeiro benemérito!

Era a primeira vítima do esforço missionário do E. Santo na colónias de Portugal. O companheiro que lhe veio de Ambriz a abençoar a tumba com lágrimas de irmão, o P.e Lapeyre (que em 1868 substituia o P.e Poussot doente e repatriado) achou mais necessário continuar em Loanda o ministério do morto que ir em Ambriz proseguir com o seu.

Foi em Loanda que o vieram encontrar os missionários novos, os P.es Carrie e Dhyèvre. E vinham, sem saber, para o substituir, como ele substituira Espitallié. A 19 de Janeiro de 1870 finava-se o P.e Lapeyre no hospital aonde tantos outros fôra antes consolar e ajudar a uma morte boa. Angola sacrificava mais um dos que a vinham lentamente redemir.

Os Padres do Espirito Santo acabam de renunciar a colónias nossas

Lândana e o Congo a fugir-nos

A 27 de Julho de 1870 era o êxodo da «Casa do Congo», A razão mais óbvia da ruina desta casa, como já dissemos, era a impossibilidade temida de nunca haver Congo a evangelizar . . . ao menos Congo português, aonde fôssem aceites padres da Congregação.

Já vimos desacorçoado partir para Zanzibar o próprio «*namorado* do Congo», Duparquet. A 19 de Maio de 1870, vimos tambem partir de Loanda, malsinados e perseguidos de injustas suspeitas, os Padres Carrie e Dhyèvre, que se dirigem ao Loango, e daí a Paris, estudados de caminho os empórios do Zaire e Lândana e Cabinda, e visitados o maior número que puderam de povòados.

A Casa-Mãe decretava, em 11 de Agosto, a supressão da Missão do Congo e, a 30 do mesmo mês, enviava Carrie à Missão francesa do Gabon, deixando ao conselho dessa missão estudar a oportunidade de utilizar a vocação congolana do padre, para organizar sucursais do lado do Zaire, mas fóra da esféra portuguesa de influência.

Movida pelos relatórios do Padre Carrie, a Casa-Mãe resolvia, em Novembro de 1872, deixar reorganizar o Congo em missão independente da do Gabon, e escolhia Lândana como séde, mas só movida a isso pela suposição errada de o grau 5 de latitude sul ficar fóra completamente do domínio português.

O Padre Duparquet, que uma carta do superior do Zanguebar, Baur, nos descreve crivado de furúnclos e em via de ficar paralítico, voltara a restabelecer-se à Europa, e achava-se

Lândana. — Missão dos Padres do Espirito Santo, construida por irmãos auxiliares.

em França, quando a Casa de Paris dava nova licença de viver ao Congo, com que o padre sempre sonhara. Viu-se logo com saúde e vigor novo, e pediu para voltar «aos seus primeiros amores».

Até fins de 1875, continuou a funcionar e a desenvolver-se pacificamente em Lândana a missão francesa, defendida pelo agente francês Rouvre nas dificuldades com os *ngangas* (feiticeiros) e sobretudo contra o chefe Matenda que, depois de vendido à missão o terreno respectivo, a queria expulsar, por lhe dizerem os *ngangas* que era à vinda dos Padres e à

erecção da capela que se deviam os flagelos, então ocorridos, de uma catastrófica estiagem e de uma peste de *bicho de pé!*

No fim do mesmo ano deu-se um alevantamento dos indígenas, no sufocar do qual colaboraram todas as influências europêas que nas margens do Zaire trabalhavam, irmã e independentemente, como em *terra de ninguem*.

Os chefes duma expedição exploradora alemã, Drs. Falkenstein e Pechnel voltam de Chinchoxo, a pedido do Padre Duparquet, com os seus soldados e armamento. O P.e Carrie, que a sua coragem fez escolher para chefiar o ataque aos indígenas, declinou, em vista dos Cânones e da sua missão de paz, a eleição honrosa. Foi Falkenstein que tomou o comando. Atrás caminhavam os escravos da Casa portuguesa, com as respectivas mulheres, carregando cestos de balas à cabeça; seguiam os homens da Casa francesa, depois os da holandesa, e enfim os da missão. Esta caravana dirigia-se em estratégico silêncio para a aldeia de Mvulu.

Ao chegar ali, bastou-lhe uma descarga, para pôr em fuga os inimigos surpresos: dêstes morreram uns, foram outros capturados, viram todos incendiadas as cubatas.

Como, apesar dêste castigo, tanto a Missão como os mais europeus de Lândana continuavam a desconfiar do indígena, o P.e Duparquet pediu ao Almirante Ribourt, que passeava patrocinadoramente os mares costeiros do Gabão, fizesse algumas demonstrações em frente a Lândana. A missão considerava-se pura e simplesmente francesa.

O P.e Duparquet, vice-prefeito da missão, era, em fins de 1876, substituido nesse posto por Carrie, porque o chamava a França o empreendimento de trabalhos novos no Cabo, deslocados mais tarde, por circunstâncias que veremos, para o nosso território de Angola.

E a missão do Congo ia continuar a evoluir em linhas, que não contavam com o nosso domínio. O Padre Augouard (o futuro vigário apostólico, de fama retumbante, do Congo Francês) vinha da sua missão de Stanley-Pool a receber de Carrie a tarefa de resuscitar a antiga cristandade de Santo António do Congo. Partiam de Lândana a 21 de Setembro de 1881, a bordo do navio francês Lebourdonnais; os dois padres, vinte e sete marinheiros em grande uniforme e o comandante do navio (um bretão de nome Penfentenio) faziam em Santo António sua entrada, em verdade solene! O rei indígena, realmente hipnotizado, prometeu amizade à França.

Era tempo de Portugal abrir os olhos! Vamos ver que os abriu, de facto, e que, aliado com os missionários, ia enfim

asseverar, perante o mundo, o propósito de não abandonar indolente estas regiões esperançosas a influências canalizadas para a França.

O P.e Carlos Duparquet a gravitar para Angola

Em 1877 vimos o Padre Duparquet retirar do Congo. A presença dêle em Paris lembrou à Administração Central antigos projectos, em que a Congregação se empenhara e em que o padre lhe fôra instrumento férvido e activíssimo. Dificuldades de vária ordem, e maior de todas a difidência do Governo Português, ciumento de seu padroado, tinham inibido o padre de realizar em Angola um tentador esquema de colonização missionária, iniciado em 1865. Julgou agora poder retomá-lo mais a sul e partiu a explorar a região, que se estende entre os rios Orange e Cunene.

A 5 de Março de 1878 embarcava, em Londres, para o Cabo. Chegava à colónia no momento mais esperançosamente embalador para os seus projectos: quando a Colónia estendia o seu protectorado sôbre os territórios de entre os dois grandes rios, ao mesmo tempo que sôbre as repúblicas do Orange e do Transval.

Esplendidamente acolhido no Cabo por Mons. Leonard, bem aconselhado e informando-se por todos os meios sôbre as condições de vida e viagem no interior, começa a aviar preparativos, manda construir um magnífico carro boer (o «Rafael!») e começa as explorações.

Fixa-se, enfim, e resolve-se pelo Damaraland, e funda a missão do Omaruru. Funda-a... para os seus colegas, Padre Hogan e Irmão Onuphre; êle continua a bater o mato, em Julho de 1879, acompanhado de seu novo amigo Manoel da Silva (1).

Duparquet partia para o Ovampo, sem pensar ainda

(1) Este Manoel da Silva devia ser um caracter dos em que se comprazia Duparquet, que se não dava com o *banal*, nem em pessoas nem em situações. Parece que nesta viagem o Manoel chorou muito, por se apartar pela vez primeira da sua mulher, a linda Malina, comprada, havia pouco, em troca de um cão!

dirigir-se a territórios de domínio português: era para sul do Cunene, e o convénio de 1891 ainda não definira *dogmaticamente* os limites ingleses da Africa do sul. Sempre em território inglês (cria êle) chegou à região do Cuanhama.

Ainda voltou ao Ovampo mais tarde, visitando então o rei dos Cuanhamas, e captivando-lhe de tal fórma a devoção que o rei o fazia acompanhar em todas as voltas por uma pessoa de confiança, que não deixasse outra tribu conquistar o padre, furtando assim aos Cuanhamas a esperança da prometida missão e escola. Nesta segunda visita (que foi em Junho de 1880) preocupava-se principalmente Duparquet com a via de comunicação com a Europa. Talvez, pensava ele já, dirigindo-se às autoridades de Mossámedes, se pudesse ao menos obter licença de passar...

Entretanto os confrades deixados em Omaruru viam desencadeadas sôbre eles tempestades. Os luteranos da missão prussiana achavam a vinha do Senhor estreita; e, como os padres não lhes obedeciam às intimações de retirar como tardios, desencadearam os ciosos alemães contra a missão católica, por intrigas e sobretudo por intimidações à bruta, os reis gentios. Quando voltou de Ovampo o director, ainda peoraram as coisas para a pobre missão, nova, mas já tão esperançosa. O protectorado da Colónia do cabo retraía-se de Damaraland, escarmentado com a embrulhada da guerra dos Zulus; e a guerra carniceira desenfreou-se entre Damaras, Herreros e Hotentotes, tornando aos mesmos europeus impossível o subsistir, por lhes matarem (respeitando-os *pessoalmente)* todos os serviçais indígenas.

Era preciso lançar vistas sôbre centro mais seguro que o Damaraland. O Padre Duparquet partiu para Betchouanaland (aonde, fadado a aventura, se vê uma noite roubado no acampamento, ficando reduzido às roupas do corpo!) afim de estudar uma possível esfera de acção à sombra do pavilhão britânico. Ao mesmo tempo, ouvindo de disposições melhoradas do Governo Português, foi despachar, do Cabo para o ministro da marinha de Lisboa, um relatório circunstanciado do que era possível realizar no sul de Angola: era lá que o seu ideal luzia, lá o iman daquela alma!

Os colegas ainda tentaram aturar em Omaruru. Acabaram de expulsa-los os protestantes!... Depois de uma passagem pela baía das Balêas, haviam de ir parar só no Humbe, fixando-se nas margens do Cunene. O Padre Duparquet partia novamente para a Europa, e viria abrir-lhes caminho, já do lado de Mossámedes e da gloriosa Huíla.

Retirada de Gibraltar. Outra vez no continente de Portugal

O Padre José Eigenmann depressa se encheu de Gibraltrar e da Espanha (ou «portas» dela). Se o ideal missionário não tinha em Portugal os ardores vivos da era dos Descobrimentos, em Espanha pareceu-lhe se tinha apagado quasi irremissivelmente.

O abandono de Gibraltar era decidido em conselho da Congregação, em Paris, em Março de 1872. E a razão dá-a Monsenhor Scandela, em circular de maio do mesmo ano, aos fieis de Gibraltar:

«Após uma experiencia de passante de um ano, os Padres da Congregação do Espirito Santo, convencidos de que a cidade de Gibraltar não convinha aos fins do Instituto, recrutamento de vocações religioso-missionárias, declararam-me não podiam continuar mais tempo na direcção, etc.».

Com o mesmo séquito que levara (Policarpo dos Santos, agora ordenado de menores, Rooney, o aspirante José M. Antunes e dois candidatos a irmãos auxiliares, Silva e Pereira) o padre tentou outra vez a implantação em Portugal.

No primeiro tentame, o que mais o impressionara na mentalidade de cá não fôra a improdutibilidade de vocações missionárias; fôra a indisposição pública para o sustento e habilitações dessas possiveis vocações. Viu dum relance o perspicaz e inteligente suisso que não havia remédio senão ir ganhando, na educação de estranhos, o pão dos filhos, que à Congregação fôsse Deus dando. Começou fogosamente a lançar as bases de um colégio.

Era inevitável viesse este a absorver o pessoal português que a Congregação fôsse creando, e que, instituido para sustentar vocações missionárias, as fôsse tragando mal amadurecidas e as impedisse de ir dar à Africa frutos de civilização. Como tudo em Portugal, a sociedade missionária, nascida para a Africa, viria a andar fóra da linha da própria competência, ao menos parcialmente.

Mas o que havia de fazer o activo fundador da província portuguesa do Espirito Santo, em face de um público obstinado na mania de descarregar-se sôbre o Estado (Providencia automática) e que ainda não compreendia os sacrifícios nem as responsabilidades de um povo crente a quem Deus confiara os destinos de milhões de almas, dando-lhe domínio sôbre elas?!

A 8 de Outubro de 1872 estabelecia-se o P.e Eigenmann num prédio da rua do Carvalhal, na cidade de Braga, com os *escolásticos* vindos de Gibraltar, mais dois novos recrutas colhidos à passagem no Seminário de Santarem, os Srs. Guimarães e Antero, dos quais o último ia, poucos mêses depois, dar, no hospital de Braga, a alma ao Creador pelas prosperidades do Instituto em Portugal.

Começaram logo a admitir-se alunos, internos e externos. O P.e Eigenmann, além dos *escolásticos,* tinha a ajuda-lo no ensino o P.e Luiz Maria Ramos, que se oferecia para professor gratuito de rètórica e filosofia, e de mais dois sacerdotes, os P.es Gomes e Gonçalves.

Em Julho e Agosto, foram animadores os resultados nos exames públicos. Por isso, pela Páscoa do ano seguinte, subia já a quarenta o número dos alunos (externos todos). Era forçoso encontrar local mais espaçoso. Encontraram-no ao fundo da cidade, na quinta das Hortas, onde entraram após as férias grandes de 1873.

Dois anos mais tarde já não cabiam, porêm, na propriedada arrendada. Tinham atingido o número de 90 os alunos admitidos, e eram aluvião os pedidos de entrada. Eigenmann alçava-se cada vez mais alto nas aspirações dum zelo imenso, mas não havia desencantar terreno que lhe amparasse os vôos . . .

Enfim, no começo de 1877, aparecia um brazileiro rico, que lhe vendia uma propriedade sita ao cimo da rua de S. Vicente, no ponto mais alto e mais desafogado da cidade, com boa quinta, água farta, e uma esplêndida pedreira.

E' claro que principiaram logo as construções. A 14 de Maio de 1877, lançavam-se os fundamentos.

Em Outubro de 1878, encetou-se já o fervilhar da vida colegial no estabelecimento novo; entretanto, como a parte construida não bastava a toda a população escolar, ficavam nas Hortas as classes primárias, sob a direcção do Padre Santos (um recruta da *Casa do Congo,* já ordenado) e o Padre Tomás Hossenlop, trazido atéqui pela inospitalidade do clima do Gabon para os seus tentames de apostolado.

O pessoal todo da comunidade (não contando os professores de fóra, padres e leigos) era este: Padre Eigenmann (superior), P.es Tomás Hossenlop, Wunenberger, Kempf, Verdier, Santos, Rulhe e Rooney; Irmãos Alvares, Paulo, Pedro, Rodrigo e Gerard. Havia 10 aspirantes, 6 eclesiásticos e 4 leigos.

Este núcleo de 10 aspirantes era o verdadeiro *coração*

do estabelecimento. Mas o coração, naquele maquinismo gigante, não crescia em proporção com o vasto organismo. No princípio de 1885 era já de 150 o número de alunos; os seminaristas-missionários, afogados no meio dêles (bem que, desde 1882, com uma direcção especial, presidida pelo P.e Costes) não passavam de uma dúzia. Os candidatos para a vida de irmãos auxiliares eram ainda menos. Eigenmann, fogoso e ardente, impacientava-se com o andar lento da obra principal que, bem o sabia ele, de seu esforço esperavam a Congregação e a Providência. Procurou, ao menos, iniciar uma instituição especial e separada, onde a escola missionária se pudesse desenvolver. Negociou, ajudado por Fernando Pedroso, para lhe ser cedido o convento das extintas ursulinas em Viana, o qual foi visitar com o Geral, Padre Emonet, que em Janeiro de 1885 vinha ver a província portuguesa da Congregação e os encantos do nosso país.

Mas ficou para mais tarde a realização dêsse empenho, primacial para uma associação missionária, de dois viveiros paralelos de civilizadores, de padres e de leigos, destinados à Africa Portuguesa.

O P.e Duparquet outra vez em Angola

Aceite por Portugal e oposto à invasão protestante. Fundação definitiva da Missão

Na segunda excursão de Damaraland ao Ovampo vimos o P.e Duparquet preocupado com estabelecer, por território português, uma saída para a costa e ligação para a Europa. Fez, nesse intuito, solene aliança com uma colónia boer, que topou naquela excursão e que obtivera do governo de Mossámedes licença de estabelecer-se em fazendas na Huíla.

Quando, gostoso dêstes resultados, regressou a Omaruru, esperavam-no informações da Casa-Mãe de que um adido da embaixada portuguesa, por nome Andrade, aparecera na dita Casa Mãe a pedir missionários para Angola em nome da Junta de Missões Africanas de Lisboa, e do secretário dela, Fernando Pedroso.

Partia o padre de Omaruru e, chegado que foi a Capetown, escrevia um relatório-requerimento ao ministro da ma-

rinha de Lisboa, com aplauso e apoio do consul geral português no Cabo, Carvalho de nome.

O relatório chegava a Lisboa quando a questão das missões estava em maior favor nos meios oficiais, aterrados por ver-nos assediados de ambas as costas africanas pelas fileiras protestantes inglesas.

O requerimento do missionário foi entregue à comissão do ultramar, com o apoio do ministro.

Mudava então o ministério; mas Júlio de Vilhena, saíndo ministro da marinha, declarava um ainda mais decidido apoio às missões que o seu antecessor.

«Preferia, dizia ele a Junta das missões, que os missionários fossem portugueses; mas achava que seria loucura não utilizar mesmo os estranhos, uma vez que estes se podiam opôr às missões protestantes».

A 17 de Maio de 1878, embarcava Duparquet na cidade do Cabo, para vir a Lisboa dar expedição ao negócio que tanto lhe interessava o zêlo. De passagem pela Madeira, indo hospedar-se a casa dos Lazaristas (os amáveis hospedeiros tantas vezes procurados, sobretudo em Lisboa, por quanto padre do Espirito Santo era trazido a Portugal) soube o missionário da nomeação, para Angola, de D. José Sebastião Neto, e de que se não falava senão do zêlo auspicioso do novo prelado. Foi mais uma estrela a tremeluzir no futuro, vaga mas ardentemente sonhado, pelo apóstolo africano.

Chegado a Lisboa, foi apresentar-se logo ao ministro da marinha, acompanhando-o Fernando Pedroso. Este falou a Vilhena do relatório e propostas enviadas do Cabo pelo padre e das quais o novo ministro ainda não fôra informado. Prometeu tomar imediatamente conhecimento *dêles* e estar habilitado a responder no dia seguinte.

E no dia seguinte, ao chegar outra vez ao ministério da marinha, achou de facto o padre aos da Comissão das Missões nas últimas conclusões de um exame de questão. A deliberação foi acolhedora para o missionário. O ministro referendava as conclusões da comissão. Duparquet e os padres do Espirito Santo eram admitidos a missionar em Angola, com a caução única de ser português o superior.

Daqui por diante é um rosário de triunfos. Aparece o Rev. P.e José Maria Antunes, vindo de pouco da França, dos seus últimos estudos: uma ordenança régia de 28 de Julho nomeava-o pároco de Huíla, outra, assinada por D. Luiz no dia antecedente, autorisava o governador geral de Angola a

conceder à missão católica de Mossámedes, a organizar pelos Padres do Espirito Santo, o terreno necessário. Uma portaria da mesma data completava aquelas ordenanças, autorizando a Missão a abrir escolas e outros estabelecimentos de ensino.

A 5 de Outubro de 1881, partia de Lisboa a primeira leva missionária. Graças à afanosa dedicação de Pedroso (cuja memória de católico da velha Escola, mas com rasgo e decisão de um novo, não pode apagar-se no coração dos que a cruzada missionária enleva) era decretada passagem gratúita para todo o pessoal missionário e respectiva bagagem, sendo esta além disso, dispensada de direiros alfandegários.

O bispo D. José acolheu os missionários que a Providência lhe enviava, com alvoroço afectuoso de irmão. Investiu com amor o Padre Antunes nas funções de pároco da Huíla, reconheceu a Missão de Mossámedes como obra distinta da paróquia e mais vasta do que ela, deu aos missionários, para as primeiras necessidades, tudo o de que pôde dispôr: caixas de paramentos, livros, enfim negociou com o governador, Ferreira do Amaral, a passagem do Seminário de Loanda para as mãos dos Padres da Huíla, com os subsídios que constituiam a dotação daquele estabelecimento.

Missão da Huíla. — Campos e sementeiras.

«D. José Neto, escreve Duparquet aos Superiores de Paris, a 27 de Novembro de 1882, o nosso excelente prelado, acaba de nos chegar a casa com os alunos do seu seminário. Deve ficar comnosco uns poucos de mêses, o que será uma benção para a casa, porque é um bispo santo êste. Dorme num taboado, e às 4 h. da manhã já está de pé para a oração com os Irmãos... Dirigiu à Propaganda de Roma um pedido pessoal de subsídios para as nossas obras daqui»...

O P.e Antunes dizia do bispo noutra carta:

... «Felizmente nós sabíamos que o bom prelado não era exigente, mas de uma simplicidade de franciscano verdadeiro».

Do governador escrevia o Padre Duparquet:

«O acolhimento não foi menos animador por parte do governador geral. Depois de nos convidar a almoçarmos com ele, concedeu-nos 2:000 hectares de terreno...

... Depois de me pedir que instalássemos na Huíla uma estação metereológica, forneceu-me para isso a maior parte dos instrumentos».

Mas a benevolência das autoridades portuguesas patenteou-se mais dedicada ainda, quando se tratou de ir escolher o terreno obtido. Os missionários começaram a procurar um sítio que pudesse convir às obras projectadas. Mas os boers já tinham empolgado tudo o que servia; e quando o P.e Antunes apresentou os documentos da concessão dos 2:000 hectares, responderam-lhe que já nem um restava disponível! Os boers abusaram da liberalidade com que o governador de Mossámedes os deixara talhar, por mão própria, cada familia os seus 300 hectares e assenhorearam-se de todo o terreno aravel nas vertentes dos dois rios, Palanca e Moucha. O governador do distrito reservara o direito de propriedade propriamente dita, concedendo o usufruto dos terrenos, e deixando para oportunidade futura o deferimento de requerimentos posteriores, que depois fariam os colonos; êstes, porem, consideraram-se, de então por diante, em terra conquistada. Foi providencial ter de intervir então o Governo, protegendo a concessão feita à Missão, não fôssem pouco a pouco os sul-africanos considerar tudo aquilo como simples colónia boer.

Quando ouviu da contenda, o governador geral mandou logo a Mossámedes o procurador da Corôa, com poderes plenos para tirar, se preciso fôsse, o terreno aos colonos do sul; estes já tinham sido levados a uma atitude mais transigente. Viram a opinião pública tão sobresaltada, a inquirir se aquilo ali seria já colónia holandesa, de fórma que não seria

já possível à autoridade dispôr duma quinta para uma escola, que enfim se dobraram, declarando ao comandante da Huíla desistir das primeiras pretenções.

Rev. P.e José Maria Antunes.

Era princípio de 1882, quando chegava o agrimensor oficial a delimitar, no vale do Moucha, a propriedade do centro missionário, donde tanto progresso havia de irradiar, não só sôbre o resto de Mossámedes, mas para Angola inteira. Era

um oasis fadado para fonte de prosperidades, como toda a cordilheira da Chéla, dominando magestosa o vale do Zambeze. Impacientes de progresso, os missionários estenderam-se logo a um posto novo, comprando o Muniíno, propriedade sita a uma hora de distância. E, trabalhando todos com ardor de construtores conscientes de uma cidade nova, começaram de abater florestas e de transformar a argila em tijolo, no mesmo fôlego com que iniciavam na civilização e no trabalho os filhos do sertão, que vinham a transfigurar.

Missões do clero secular

D. José Sebastião Neto.
S. Salvador do Congo.
O Padre António Barroso.

A ida para a diocese angolana do grande homem e santo, que foi o bispo D. José Sebastião Neto, foi o início duma era de renovo espiritual para a nossa Africa Ocidental.

Com o bispo novo desembarcava, a 5 de Setembro de 1880, em Loanda, o P.e António José de Sousa Barroso, que, após alguns meses de serviço paroquial, ia partir para o Congo a reconstruir sôbre ruinas tocantes de antigo labor português nova missão portuguesa do nosso padroado religioso.

Principiou em S. Salvador com tres companheiros, edificando provisoriamente algumas choças de barro e colmo. Um dos companheiros sucumbiu dentro em pouco; outro teve de regressar à pátria para não o seguir na tumba; com o P.e Barroso ficava só o P.e José Sebastião Pereira (que mais tarde será bispo de Damão).

Os nossos missionários tinham diante de si e a defrontar-se com eles uma outra missão já organizada, inglesa e protestante, e a essa tinham de reconquistar, para o restituir a Portugal, o domínio moral exercido sôbre os congoleses e e sôbre o rei dêles (então um tal D. Pedro de Agua Rosada, calculador e interesseiro).

A Acta de Bruxelas e a Conferência de Berlim tinham escancarado as portas do mundo bárbaro, colónias de Portugal e outras, à propagação de toda e qualquer confissão cristã, chegara o momento de a nossa civilização religiosa ter de

começar a fazer suas provas, em competição com a de nossas irmãs da Europa.

«Em situação tão desigual e desvantajosa (escreve o P.e Sebastião de Oliveira Braz) só a firmeza de vontade inquebrantável e finura de tacto, de que deu provas o inexperiente Padre Barroso, poderiam abrir caminho.

«Nada do que encontrou no Congo, à sua chegada, era de molde a estimular-lhe os brios. Nem fundas tradições católicas, nem influência portuguesa. D. Pedro de Agua Rosada, sem ser um revoltado contra a metrópole, ia aceitando as blandícias da missão protestante, com bem manifesto detrimento da fidelidade que os seus maiores sempre observaram para com os reis de Portugal.

«Percorrendo a região em que o zêlo e esforços do Padre Barroso iam dar as primeiras provas, não encontrou senão ruinas atestando no seu mutismo o descalabro do predomínio que a crença católica ali tivera em tempos idos.

D. António de Sousa Barroso, organizador das missões seculares do Congo.

«Lembro-me ainda de que, num dos seus relatórios para o então ministério da marinha e ultramar, a sua alma ardente de patriota e de padre cheio de zêlo pela causa de Deus, não podendo recalcar a mágua que tantos padrões, quasi de todo apagados, lhe sugeriam, rompia nesta afirmação dolorida: —

«Nunca a Cruz mutilada de Alexandre Herculano me pareceu mais bela e verdadeira».

«A contrastar com tudo isso, havia apenas uma vontade que nunca fraquejou, e faculdades de trabalho que nunca souberam o que era fadiga, e só uma organisação privilegiada comportava.

«Ao lado duma residencia para a missão toda em madeira, a cuja montagem ele já presidiu, surgiram, como por encanto, da sua fecunda iniciativa, uma capela para os actos do culto, uma escola, um hospital, um observatório metereológico e os primeiros lineamentos duma granja, que era escola de trabalhos agrícolas para subtraír à preguiça, ingénita no preto, os alunos da missão, e simultaneamente provisão de vegetais, legumes e frutos, para alimento do pessoal.

«Só por um assombro de actividade e uma quasi multiplicação da própria personalidade, o missionário Padre Barroso podia acudir a tantas ocupações, sem prejuizo do bom andamento de qualquer delas.

«As observações meteorológicas, pontualmente feitas, eram exactas e apreciadas em Loanda. A escola progredia, e a capela era frequentada. O movimento hospitalar, principalmente na cura de pústulas e febres palustres, era importante, e o grangeio das hortas e pomares avançava animadora e proficuamente.

«Com estes impobros labores, tinha o missionário Barroso de acumular uma missão, tão delicada como difícil, mas indispensável para o triunfo do seu zêlo apostólico e patriótico, que era subtraír o rei D. Pedro de Agua Rosada ao ascendente que sôbre ele tinha tomado a missão inglesa, e afervoral-o no amor de Portugal e abrir caminho à expansão comercial portuguesa, então quasi nula naquela região.

«E tão avisadamente e diplomaticamente se houve o Padre Barroso que, sem atritos com a missão rival, antes vivendo amistosamente com ela, conseguiu anular-lhe todo o prestígio sôbre D. Pedro e contraminar-lhe por completo a acção desnacionalizadora».

O P.e Barroso lamentou frequentes vezes a falta de irmãos leigos, que pudessem acompanhar na educação do indígena a acção espiritual do padre, e iniciar aquelas gerações indolentes no trabalho indispensável à continuação do viver culto. Tambem sentiu e advogou em Portugal a necessidade de completar o trabalho do missionário com a acção de missio-

nárias, educadoras da futura mãe cristã. Este último desideratum veio depois a ter satisfação nas missões do Congo.

Em 1885, apesar da carestia lamentável do pessoal e recursos, ousava o valente missionário abalançar-se a uma fundação nova, a de Mandimba, a primeira de um vasto plano que não terá infelizmente ocasião de realizar; porque, voltando à metrópole a restabelecer-se, depois de oito anos de Congo, não o deixarão voltar à missão do seu amor. Será preciso deixar ir sem ele para o Congo os dois filhos do rei preto Agua Rosada, os quais ele trouxera a Portugal, para os educar, mas tambem como um penhor dado ao rei e ao povo congolês de que voltaria para eles. Voltou à Africa, mas como prelado da outra costa, e os seus amigos do Zaire tiveram de curtir saudades dêle, que ainda duravam, quasi religiosas, quando D. António Barbosa Leão foi em visita pastoral percorrer aquelas regiões.

As missões do clero secular do Congo continuaram a desenvolver-se, e subsistem ainda, agrupadas em redor dos três centros principais: S. Salvador, Mandimba e Lunuango, apesar da extinção do Seminário em Sernache. Mas não ha dúvida que foi uma perda incalculável para elas, a do apostólico fundador, logo a seguir à do prelado do Congo e Angola, que em 1883 recebera ordem ele tambem, de retirar.

Ha uma carta dêste último príncipe da Igreja, que nos mostra como se apreciavam mutuamente os três grandes missionários daquela quadra de esperança missionária. Dê-se nos vénia que a reproduzamos:

Carta de D. José Sebastião Neto a Julio de Vilhena,

Ministro da Justiça e Negocios Eclesiásticos (1)

Il.mo e Ex.mo Sr.

Loanda, 13 de Junho de 1883.

Surpreendeu-me novamente e lançou-me em grande confusão a carta de V. Ex.ª, de 4 de maio último. E, apertado por V. Ex.ª para que siga para o reino com a possível brevidade, e do mesmo modo instado pelo Núncio de Sua Santidade, receio bem incorrer no desagrado de S. Magestade, de V. Ex.ª e do Sr. Núncio, regeitando a mitra do patriarcado, pois noto que não ha disposição para se me admitir considerações, que desejaria bem que fôssem atendidas.

(1) Vem reproduzida no 1.º vol. da obra de J. de Vilhena *Antes da Republica* a pags. 123, 124.

Pois quê, Ex.mo Sr., entre tantos prelados do reino e ultramar, ilustres pelo seu saber e virtude, ha de ser preferido, para a mais alta dignidade da hierarquia eclesiástica em nosso reino, o mais indigno de todos eles?

Sua Magestade, V. Ex.ª e o Sr. Núncio o teem de certo ponderado, e a mim só me compete obedecer. Partirei, pois, logo que possa deixar os negócios da diocese em boa ordem, e sôbre tudo depois de ver se

D. José Sebastião Neto.
O cardial recolhido á sua célinha de frade.

posso deixar a governar a diocese o superior da missão Congo, António José de Sousa Barroso, aluno do real colégio de Sernache, rapaz prudente e inteligente, que daria um excelente bispo para esta diocese; porêm, mais inteligente, e igualmente prudente, mas dum curso muito desenvolvido em sciências naturais e belas artes, o pároco de Huíla, José Maria Antunes, natural de Santarem, se me não engano, superior da missão do real padroado português naquela localidade.

Não veja V. Ex.ª nesta insinuação, de que eu peço mil desculpas, mais que o desejo ardente que tenho, como metropolita desta diocese, de que seja nela colocado quem tenha a necessária força de vontade para realizar três importantes obras, que havia projectado, e que contava ver realizadas com meios que já me tinham sido prometidos pela Propagação da Fé, e com donativos particulares obtidos no reino. Sei quanto V. Ex.ª é apaixonado pelas nossas colónias, por isso lhe quero fazer conhecer quais sejam essas obras, a fim de fazer interessar nelas o digno ministro da marinha e ultramar.

As obras são as seguintes: uma escola profissional para pretos; um asilo para raparigas pretas, que mais tarde devem unir-se em matrimónio com os alunos da escola profissional e abrir assim um exemplo de moralidade pela constituição da família cristã, que é coisa quasi desconhecida nesta província entre os pretos; e um outro asilo para raparigas brancas, expostas ao perigo da prostituição, as quais, sendo entregues à direcção das irmãs hospitaleiras portuguesas, dariam excelentes auxiliares de civilização em missões bem organizadas, ou boas mães de familia, unidas em matrimónio com os nossos colonos.

Quanto à eleição do vigário, pode V. Ex.ª estar seguro de que me não comprometo, sem ouvir a opinião do governo, pois que desejo que o sujeito, que houver de eleger, não mereça menos confiança ao governo do que a mim.

Sou com a máxima veneração e reconhecimento

De V. Ex.ª
Mt.º At.º Ven.or C.º Obg.mo

JOSÉ, *bispo*.

A missão francesa do Congo torcida outra vez para Portugal

Vimos que a missão do Congo, primeiro concebida como portuguesa, supressa pela inviabilidade que lhe adviera da desconfiança do Governo Português para com os padres estrangeiros, só resuscitara mais tarde como dependência da missão do Gabon, e que, mesmo em Lândana, se julgava operando em solo de padroado da França. Não se perca de vista que só pelo convénio de 1886 é que se fixaram os confins do que é nosso e do que é francês no Congo.

O terreno da missão de Lândana tinha sido adquirido simplesmente por contrato com os indígenas, figurando no documento nomes de residentes franceses, apenas como testimunhas da identidade entre a *cruz* que firmava o documento e a assignatura do chefe Matenda. O contrato fez-se na Casa Francesa de Lândana, eram francesas as testimunhas, e o signatário, Charles Aubert Duparquet, representava a Missão Francesa do Loango.

Em 1884, tentaram os portugueses de Lândana a asserção dos direitos do nosso Governo. Moveram a um vizinho da missão para ele reclamar o terreno como sua herdade, levando a reclamação ao delegado português, estabelecido, havia pouco, em Chinxocho. O P.e Carrie não aceitou a arbitragem do delegado. Este referiu o caso ao governador de Loanda.

Achava-se então surto no porto da capital angolana um navio francês, comandado por Courthville, amigo do P.e Carrie. Foi o comandante a conferenciar com o nosso governador e obteve que fôsse, até nova ordem, considerado independente o território de Lândana, até se provar (o que o governador considerava certo) que aquele território ficava para norte de 5° 12′.

Partiram para o Congo, em seguida, o navio de Courthvile, «Le Segond», e a canhoneira portuguesa «Sado», com um grupo de oficiais franceses e portugueses respectivamente, que iam calcular exactamente aquela latitude. Bem depressa vinham a concordar *que, de feito, o governador errava:* que a missão estava a sul do 5°12′.

Em 1885 (ou um ano mais tarde que essa contenda) caía sôbre os missionários do Loango o duche frio do tratado de Berlim: Lândana era portuguesa, porque encravada no enclave de Cabinda. Dora àvante haviam de ter sentido o P.e Carrie e os seus colegas que não eram os missionários *desejáveis* naquelas partes; que os deveriam substituir colegas de todo novos e sem ligações com a missão de Loango, que continuava francesa.

Entretanto o P.e Carrie, que aliás precisava de assegurar protecção européa para a sucursal de S.to António (esta por sem dúvida em território português) resolveu ir ter com o governador de Angola, já então F. J. Ferreira do Amaral, e exprimir-lhe desejos de cooperar com a máxima lealdade com o clero secular português, já então em via de meter ombros à tarefa da civilização de Africa, como atrás vimos.

Correra rumor que pretendia o Governo enviar sacerdotes a S.to António e mesmo a Lândana; para evitar qualquer

desinteligência, propunha o missionário francês se escolhesse antes um dos padres do Espirito Santo para cada localidade. Ferreira do Amaral exigia que os padres candidatos a essa escolha fôssem, então, portugueses, ou ao menos nacionalizados.

Carrie, ao dar aos superiores conta desta entrevista, termina com esta reflexão, que patenteia estarem dissipadas já então (era em Agosto de 1885) as dúvidas sôbre o futuro português dos territórios em que trabalhava:

«Confiemos que dentro em poucos anos, nos possam os nossos estabelecimentos de Portugal fornecer missionários daquele país».

Padre Pascal Campana.

No ano seguinte, erecta em vicariato apostólico a prefeitura do Alto Congo, ou Congo Francês, partia para França, para voltar para Loango já sagrado bispo, o antigo superior de Lândana. Em 1887, era elevado à dignidade de prefeito do Congo o P.e Campana, ficando contudo, eclesiasticamente, ainda essa missão a depender do vicariato francês. Um ano mais tarde é que a Propaganda desligava a prefeitura e a constituia eclesiasticamente independente, sob a designação, ao princípio de Baixo Congo, depois, eliminadas a estações de Nemlas e Boma, e transportado o material missionário do território belga para Cabinda, com o nome, em fim, de Congo Português!

Era em 1891. A prefeitura contava já tres missões. A de S.to António tinha desaparecido, mas abrira-se em princípios de 1890 a de Luali. Alargava-se ao mesmo tempo a vigilância do prefeito apostólico e a sua solicitude ao germen doutra missão nova, tão longe do Congo como é Loanda, aonde o prelado de Angola convidara a exercer-se o fervor apostólico da Congregação.

Loanda.
Esboços da Missão da Lunda

O bispo de Angola, (1) D. António Leitão e Castro, queria dotar com um capelão o hospital de Loanda que já o an-

Malange. — Exames na missão.

tecessor, D. José Neto, havia dotado com um corpo de enfermeiras franciscanas. F. Pedroso soube dêsse empenho do

(1) Bispo de Angola e depois de Lamêgo, D. António Tomás da Silva Leitão e Castro, antes de ir para a Africa ocidental, foi superior do Colégio das Missões Ultramarinas de Sernache do Bom Jardim.

Foi muito amigo das Missões e especialmente da da Huíla, onde esteve por várias vezes e durante bastante tempo. Depois de alguns anos, foi transferido de Angola para Lamêgo onde faleceu pobríssimo; pois dava aos indigentes tudo quanto recebia para sua côngrua.

prelado ultramarino e escreveu logo para a Casa-Mãe do Espirito Santo, urgindo a aceitação daquele cargo, vista a importância da posição para as missões da Africa ocidental. Um padre Gauthier, que se aprestava a partir para a Huíla foi encarregado de ir satisfazer aqueles empenhos auspiciosos. O P.e Faxel, da missão supressa de Santo António do Zaire, recebeu ordens de esperar em Banana a chegada de Lisboa do P.e Gaulhier e de fazer-lhe companhia.

Chegaram os Padres a Loanda no fim de Janeiro de 1887. Alojados a principio, no hospital e depois na parte abandonada do antigo seminário, foram depois viver em pensão, paga pelo Governo a Gauthier na qualidade de capelão hospitalar, ao P.e Faxel na de capelão da fortaleza de S. Miguel.

Aquele hospital-monumento (como lhe chamam as cartas pasmadas dos dois missionários) de nada menos que 600 camas, absorvia boa parte do dia e dos cuidados dos padres, mas não bastava ao zelo ardente que traziam. Foram-se empregando, sobretudo aos domingos, na visita das aldeias vizinhas, e fundaram uma escola.

Tres anos após a chegada, estavam já os Padres de Loanda assás robustamente enraizados, para poder lançar um rebento da missão a 80 légoas pelo sertão dentro, no interior de Malange. Para lá partiam, em caravana, o P.e Kraft, o P.e Espinasse, o Irmão português Adriano e o Irmão indígena Paulo. Iam guiados pelo padre prefeito (o do *Congo*, já dissemos) Rev. P.e Campana. O governo prontificava-se a subsidiar 6 missionários, mas não fôra possivel achá-los. Iam, para compensação, os melhores alunos de Loanda, para servirem na qualidade de professores-catequistas.

Em 1893, nascia a estação nova de Calulo ou Libolo, dirigida pelos padres Kraft e Sousa.

Em 1897, o distrito de Loanda era oficialmente separado do distrito de Lândana.

As missões da Lunda (que aliás, mais próximas da Sé de Loanda, precisavam menos de ajudar a administração diocesana com a instituição, anormal em Angola, dos prefeitos apostólicos) ficaram tambem um distrito eclesiástico autónomo, com o P.e Moulin por superior principal, ou sub-prefeito.

Neste mesmo ano a missão de Loanda fôra completada por uma escola do sexo feminino. Ramada Curto, então governador, vira passar, em direcção a Malange, três irmãs de S. José. Dirigiu-se ao superior, P.e Carlos Wunemburger, que as guardasse ali, em virtude das funções que exercia de pro-

curador das missões. Como o padre escrupulizasse, o governador telegrafou ao ministro e mandou-as ficar!

A Loanda e a Malange tinham acrescido as missões novas de Calulo e de Canamboa, quando, em 1900, o P.e Victor Wendling substituia o P.e Moulin nas funções de vice-prefeito ou superior principal.

Evolução da Cimbebásia

O P.e Duparquet, quando nomeado prefeito apostólico da Cimbebásia, tinha diante de si a esboçar, por seus esforços e aos encontrões da sorte, uma entidade jurídica vaga e informe. Ainda mesmo quando, firmado nas boas disposições do nosso governo, voltou a Angola, parecia-lhe que esse canto, em verdade vasto, da imensa Africa não havia de ser senão um distrito dum campo de acção transcendente. Humbe queria-lhe parecer um centro de onde as forças da prefeitura revolucionariam o Ovampo e passariam a influir sôbre os destinos de Betchuanaland.

Em 1885 o gentio do Humbe levantava-se contra os brancos e contra a missão. O comandante do forte, Fonseca, sustenta um mês e meio, com um punhado de recrutas indígenas e meia duzia de portugueses, as hordas compactas dos selvagens. Na missão, presidida então pelo P.e Charles Wunenburger, missionários e rapazes se defendiam com armamento fornecido pelo comandante. Era nos últimos dias de Outubro. Enfim, em meados de Dezembro, depois do sacrifício do capitão Andrade e seus trinta soldados, esmagados como herois pela vaga dos selvagens, ao tentar uma sortida, chegava reforço de Mossámedes e vingava os europeus. O Rev. P.e Antunes, que seguira com a coluna expedicionária, voltou à Huíla com os missionários do Humbe, achando que seria impossível a prosecução ali do trabalho missionário.

E' mister advertir que o pessoal desta missão do Humbe não foi o que viera de Omaruru, mas sim um destacamento já enviado da Huíla e que viera a ocupar o logar vago pela retirada do P.e Hogan e Lynch e do Irmão Onuphre para Kakélé, nos Amboelas, ao mesmo tempo que o prefeito, Duparquet, se estabelecia em S. Miguel do Cuanhama.

Foram estas últimas as duas primeiras estações da missão definitiva da Cimbebásia. Entretanto, nenhuma delas havia de subsistir por muito tempo. Cuanhama era destruida em 1885 pelo gentio revolto, e o pessoal, P.e L. Delpuech, Irmão Lu-

cius e Irmão Gérald, trucidado! Nos Amboélas, Kabélé victi mava um atrás do outro aos Padres Hogan e Lynch, inutilizava sucessivamente os irmãos Onuphre e Rodrigo, e ia vitimando o Padre Schaller se não chegassem a tempo os Padres Lecomte e Génié a rende-lo. Sublevações do gentio, febres, incêndios, tudo se acumulava para tornar inviavel a situação dos missionários; não sendo o menor dos elementos dessa situação impossivel o isolamento absoluto do mundo civilizado; só para chegar a Huíla em busca de provisões, gastou Lecomte quasi duas semanas, perdendo primeiro o boi-cavalgadura, achando-o outra vez para deixá-lo roubar pelo lião, dormindo êle próprio uma noite encostado a uma árvore, para que o lião, que rugia em redor, o não pudesse apanhar por detrás.

Chefe das tribus guerreiras do sul do Cunene.

Era tempo de procurar local mais conveniente. Em Julho de 1887 era escolhido, a dominar um planalto, um sitio denominado Cassinga e começaram-se a transplantar para êsse refúgio, enfim de paz! os restos das atormentadas fundações do arrojado Duparquet.

Começava agora a acção definitiva e fecunda das missões de Benguela, essas que os fundadores conheciam sob a designação de Cimbebásia.

O prefeito apostólico, desde novembro de 1887, era o P.e Schaller. Duparquet, precisado de repouso, pedira para ir

terminar seus dias em Portugal; depois, reaceso de novo num arranco senil de zêlo, quiz ir ainda auxiliar o seu amigo Carie, já então elevado à dignidade episcopal e vigário apostólico do Congo Francês, aonde o nosso santo aventureiro ia finar-se a 24 de Agosto de 1888.

Dois anos antes, e prestes a dar a demissão da prefeitura Cimbebasiana, fôra visitar aquele apêndice longínquo dela estabelecido em Mafeking, na Betchuanaland; entregava-o em mãos dum irlandês, o P.e Fogarty, para este a fechar por inviavel três anos depois, desesperançado de abrir caminho em terra que o protestantismo de todo avassalára.

No forte Roçadas, Cuanhama.
Observatório sôbre um tronco de imbondeiro.

Progresso no Continente

Mais colégios: Porto e Açores.
Procuradoria.
Escola Agrícola Colonial.
Seminário de Missões.

No princípio do ano escolar 1886-1887 prendia-se a Congregação com mais um colégio público. Um Abbé Six, clérigo francês, como seu nome indica, dirigira por largos anos em Gaia um estabelecimento de ensino, e agora liquidava, oferecendo aos padres do Espírito Santo a empresa e o material escolar. A razão que movia o P.e Eigenmann a aceitar era sobretudo o receio que outra empresa viesse estabelecer-se na Capital do Norte e lhe furtasse os alunos que atéli foram afluindo a Braga.

O P.e Hossenlop vinha, pois, de Braga, com os P.os Santos e Décremps, a inaugurar o novo colégio, que devia preparar para exame de instrução primária, ensinar as três primeiras classes do curso dos liceus, e depois mandar os alunos para o Espirito Santo de Braga. Era o colégio de Santa Maria, que, um ano depois, vinha funcionar para o coração do Porto, largo do Coronel Pacheco, onde o encontrou a revolução de 1910.

Em Braga os pensionistas cresciam numa progressão ininterrupta. Já em 1886 o número total de internos e externos atingia 282; e as obras adiantavam, não obstante um começo de incendio, pegado pelo arder inesperado de sacos de cal, e que nas férias de 1886 ameaçou reduzir a cinzas os vastos edifícios em progresso.

A parte do estabelecimento reservada para seminário apostólico entrou de povoar-se esperançosamente de recrutas missionários. Eram já 25 em 1887. Dirigia-os, substituindo o Padre Costa, o P.e Victor Wendling. Os do aprendizato de auxiliares, guiados agora pelo P.e Rooney, após a retirada do P.e Hossenlop para o Porto, eram 20, e já 12 saídos daqui andavam evangelizando nas colónias portuguesas.

Tratava-se de, em qualquer parte, desencantar um local, em que técnicamente se podessem instalar oficinas e casa de lavoura, que preparassem os auxiliares convenientemente para o mister dêles, de civilizadores pelo trabalho. Já vimos como nisto se empenhava o inteligente provincial, e como se esfor-

çou por obter para tal fim um convento abandonado de ursulinas em Viana.

Em 1887 Monsenhor Quesada, capelão da Condessa de Camarido, inspirava àquela senhora a lembrança de oferecer para a obra das Missões Ultramarinas as vastas propriedades de Cintra. A 10 de Dezembro, inaugurava-se solenemente a Escola Agrícola Colonial, sob a presidencia do núncio apostólico Vanutelli. Ficava dirigindo o estabelecimento o P.e Rooney, com o P.e Labrousse por colaborador, e com mais 30 alunos acrescentados aos vindos de Braga, e um orfanato apenso, de 16 rapazinhos (que não havia de durar muito por impecer a obra principal).

Formiga (Ermezinde). — O que foi seminário colonial.

Faltava constituir em obra autónoma a escola eclesiástica de missionários. Levou muito mais tempo, mas foi enfim levada a efeito, em Outubro de 1894, no convento de eremitas de S. Agostinho na Formiga, a dois passos de Ermezinde e duas léguas do Porto. O P.e Alexandre Rulhe, superior, tomava a direcção dos teólogos e filósofos, o P.e Victor Wendling continuava, como em Braga, a dirigir os alunos dos cursos inferiores. Em 1895 eram em número de 30 os segundos; os primeiros eram 6 nos bancos do seminário, mas tinham quatro colegas empregados nos colégios da Congregação, e dois mais adiantados haviam partido, para Paris um e o outro para Roma.

Além dos dois colégios que mencionamos e das duas escolas de missionários, obra essencial da Congregação, havia a funcionar em Portugal, em ordem inversa das datas de fundação, a residencia de Campo Maior, no Alentejo, a procuradoria das Missões em Lisboa e o colégio Fisher, em Ponta Delgada. Em Campo Maior comprava a Condessa de Camarido uma vasta casa de residencia, onde fôssem habitar missionários exaustos que serviriam de capelães a um asilo de velhos, que ali fundara a condessa e que entregara à direcção das Irmãs da Imaculada Conceição. Ali foi colocado o P.e Stoll, ex-missionário, e o P.e Policarpo dos Santos, a quem a vida colegial no Porto não satisfazia a vocação de prègador rural.

Em Lisboa fundava-se, em Janeiro de 1892, uma procuradoria e hospedaria de familia, para os africanos à espera de embarque, e vinha de Cintra o P.e Rooney, dando lá logar ao ex-prefeito cimbebasiano P.e Schaller, e com Rooney o perseverante Padre Grappe, que aqui havia de aguentar (caso único!) até à Revolução Republicana.

Um ano antes (Junho de 1891) tinha o P.e Schurrer sido enviado de Braga pelo Dr. Eigenmann, com os P.es Cancela e Faxel, a fundar nos Açores um colégio religioso a pedido de umas senhoras aparentadas com o Bemaventurado Fhiser (o mártir da fé católica de Inglaterra). O colégio ficou-se denominando Instituto Fhiser, foi em seguida dirigido pelo P.e Dunoyer, deu origem a algumas vocações missionárias, e subsistiu até 1907, data em que o fechou o último director, Padre Félix Girollet.

Campo-Maior fechara pouco antes (1906) desamparado o asilo pelo falecimento da condessa fundadora.

Decadência momentânea da Província Portuguesa. Novo alento e ruina

Ao separar-se do colégio de Braga a escola eclesiástica de missionários, a província portuguesa da Congregação atingia um grau notável de prosperidade. Era, aliás, a época em que a Congregação entrava numa fase nova de progresso e de vida, a que a eleição de Mons. Alexandre Le Roy (vigário apostólico do Gabon) poria a corôa em 1896.

Em Fevereiro de 1896, iniciava-se em Cintra, na «Quinta de Baixo», da condessa de Camarido, o instituto para formação superior dos *formiguenses*, para quem o ter de ir a França acabar de habilitar-se era desastroso e para muitos fôra fatal. Sob a direcção do P.e Dunoyer, missionário recem-chegado do Amazonas, o primeiro ano de Cintra correu cheio de esperanças com 5 rapazes por primeira fornada.

Mas em Julho dêste ano fôra Eigenmann chamado a França, para exercer as funções de consultor geral, e era-lhe dado por sucessor no cargo de provincial um santo de menos rasgo, bondoso, mas de espírito tímido, o P.e João Alexandre Rulhe, cuja administração não foi afortunada. O curso supe-

Cintra. — A antiga Escola Agrícola Colonial Missionária.

rior de Cintra feneceu. A Formiga esteriliza-se de timidez estreita e murchavam seus frutos.

Os colégios, o do Porto sob a direcção do P.e Schurrer, e sob a de Hossenlop o de Braga, continuavam a progredir.

Tambem se não deu o retrocesso na Escola Agrícola Colonial, no gozo de subsídios governamentais, que nem as medidas financeiras do «Governo de Salvação Pública» atingiram, e que a nova lei de recrutamento militar, de Dezembro de 1895, dispensara do serviço activo. Em 1896 contavam-se 15 irmãos empregados na direcção dos diferentes serviços e oficinas, e eram 60 os aprendizes missionários das diversas secções. Nos últimos dois anos (de maio 1894 a maio 1895) tinham partido prontos para Congo e Angola dez missionários auxiliares. Aquela freqùencia e aquela medida anual de fornecimentos missionários não se desmentiram, antes foram continuando, modesta mas perserverantemente, até à ruina de 1910.

Em 1901 chegava outra vez de França para dirigir a província portuguesa o grande lidador que a fundara. O bondoso Rulhe, que o abalo da peste bubónica de 1899, e da conseqùente requisição da Formiga para lazareto, acabara de inutilizar, recolhia a França, volvida já a borrasca, e só voltava para morrer, em Campo Maior, em 1904. Eigenmann vinha substituilo; e vinha a tempo, para arrostar com a tempestade maior do movimento anti-congreganista de 1901. Tudo começava novamente a florescer. O viveiro missionário da Formiga ia já galgando para a centena.

Em 1904 é nomeado provincial um português e um missionário de prestígio e de valôr. O Rev. P.e José Maria Antunes restaurava em Cintra o complemento da Formiga, que só lá passara num clarão de relâmpago em 1896; e dois anos depois (1908) estabelecia em Carnide, para remate, o curso teológico. Na Formiga faziam-se obras que permitiam abrigar cento e cincoenta estudantes de preparatórios.

Estava, pois, encaminhado tudo para a província portuguesa tomar à sua conta o abastecimento das nossas colónias com padres missionários, como já as ia provendo farta e consoladoramente com professores leigos e mestres de arte e ofícios saídos da Escola Agrícola Colonial. E foi precisamente então que tudo naufragou na tormenta política levantada a pretexto de uma simples muda de regime!

As Missões: Congo, Lunda, Cunene e Cimbebásia no último decénio da Monarquia

Assegurado a Portugal, pela Conferência de Berlim, o encravamento de Cabinda, separada do Congo a administração missionária de Loanda e Lunda, separada a Cimbebásia (as missões de Benguela) da missão-mãe da Huíla e deixada esta a ocupar-se exclusivamente de Mossámedes, entravam as quatro divisões missionárias do Espirito Santo da Costa Ocidental no período definitivo do desenvolvimento e da vida.

O Congo tinha principiado, como atrás vimos, simplesmente como parte da missão francesa do Gabon. Desmembrou-se depois, ao atingir um certo grau de desenvolvimento; mas o superior, o P.e Carrie, continuou a considerá-la como missão francesa em terra de ninguem. Com Portugal, quando muito, via uma conveniência de entender-se relativamente a Santo António, e outras sucursais de Lândana, que pudessem vir a fundar-se a sul do Zaire.

Não é nada de estranhar, pois, o que Nuno Quiriol conta em 1880 dum negrito da missão de Lândana, que o saùdara com um espevitadíssimo: «Bon jour, monsieur»!

Não ha dúvida que o P.e Carrie e o P.e Augouard se julgavam num campo de labores *por Deus e pela França.*

Foi, como vimos, no prefeiturado do P.e Campana que a Conferência de Berlim (1885) confirmou as justas pretensões de Portugal. Começaram a enviar-se para o Congo irmãos portugueses. O primeiro padre que foi juntar-se a estes foi o P.e Magalhães, em 1897. Já então tinha a missão atingido o estado de desenvolvimento, em que hoje está, com a fundação da Lucula em 93.

A 28 de Janeiro de 1902, enfim, era o P.e Magalhães nomeado prefeito apostólico. Começaram depois a chegar padres, primeiros frutos do viveiro da Formiga, e os irmãos de Cintra quasi a abundar; de sorte que o sucessor do prefeito Magalhães se virá a achar, como veremos, com um pessoal de grande maioria portuguesa.

* * *

Na vice-prefeitura da Lunda, ou distrito missionário separado em 1897 da prefeitura do Congo, vimos já as estações

missionárias de Loanda, Malange e Libolo (ou Calulo) aumentadas duma estação que durou pouco (a residencia de Canamboa) governadas por um superior principal a quem o bispo de Angola e Congo dava benevolente beneplácito, ao mesmo passo que a Sé Apostólica lhe concedia o poder de crismar e exercer funções de prefeito apostólico. Foi o P.e Wendling o primeiro que exerceu com alguma permanência esse cargo, que em Outubro de 1899 recebia das mãos do Rev. P.e Antunes (então em funções de visitador por mandato da

Rev. P.e V. Wendling, prefeito do Seminário das missões, depois vice-prefeito da Lunda, com os outros membros do juri de exames em Malange.

Casa-Mãe) e das do bispo Dias Ferreira para efeitos de governo eclesiástico.

Já por ocasião da visita religiosa às missões da Lunda tinha o P.e Antunes explorado as regiões de Alêm-Cuango e estudado as possibilidades do estabelecimento ali da acção missionária. Em 1900 o P.e Wendling levava por diante esse projecto, enviando os P.es Francisco Pereira e Inácio dos Santos a fundar o Mussuco. Este ficará o mais extremo elo da cadeia de missões da Lunda.

Malange ficara de 1900 por diante, o centro administrativo desta divisão missionária. Loanda tivera de servir tambem

interesses estranhos à circunscrição; vista sua posição de capital da colónia, teve de aceitar funções de *procuradoria* de todas as missões angolanas, e de contentar-se, na Lunda, com uma posição secundária. Em 1904, tomava conta do cargo de procurador o P.e Lourenço André, a seguir à partida do P.e Carlos Wunenburger para a Huíla e ao rápido interregno do P.e Reymann. O P.e André ficava, ao mesmo tempo, superior da missão de Loanda, aonde poucos meses depois lhe advinha o P.e Manoel Alves para colega.

Em 1906, chegava a Loanda D. António Barbosa Leão, sucedendo a D. António Gomes Cardoso, que só dois anos (de 1902 a 1904) dera seu zêlo e sua bondade à vasta diocese que a Santa Sé e Portugal lhe confiaram.

Um dos primeiros actos do novo pastor foi a transferência, da Huíla para a capital, do seminário diocesano, ficando assim mais sobrecarregados de ocupações os dois missionários do Espirito Santo em Loanda, convidados a colaborar na educação do clero africano.

O rasgo administrativo e o espirito prático do prelado novo trouxe tambem às missões de Angola a vantagem apreciavel de esclarecer a posição relativa dos missionários da Propaganda Romana e do poder espiritual do Padroado Português. Propôs e fez aceitar simultaneamente à Santa Sé e ao Governo um acordo, pelo qual a primeira consentia em reconhecer a jurisdição do bispo de Angola e Congo, só limitada pelos confins políticos daqueles domínios (sem embargo da coexistência de prefeitos apostólicos em duas circunscrições do bispado) e o bispo da diocese prometia, como representante do Padroeiro, respeitar os poderes espirituais conferidos aos prefeitos pela Santa Sé. Além disso, conferia funções de vigários gerais e de párocos a prefeitos e a missionários respectivamente, e estes aceitavam, como subordinados, aquelas funções, no mesmo espírito com que atéli as tinham exercido os missionários da Huíla e da Lunda, não presididos por prefeitos directos.

Os P.es Magalhães e Lecomte, prefeitos respectivamente do Congo e da Cimbebásia, aceitaram com entusiasmo, ou moveram a Propaganda a que aceitasse, uma posição que, sem lhes diminuir nada os meios de eficiência, arredava de vez as suspeições originadas em título de dignidade extranacional, encardinando-os no maquinismo português de colonização civilizadora e cristã.

D. António Barbosa Leão.

* * *

A Cimbebásia, após as provações sangrentas dos tempos heroicos, entrava no caminho do progresso intenso. Em 1889 acrescentava-se à estação de Cassinga uma nova em Caconda, que havia de ser largo tempo o centro principal de irradiação missionária em Benguela. Inaugura-se, entretanto, tambem aqui por catástrofes a vida apostólica. O Irmão Carlos Podão perdia-se no mato, para não mais o encontrarem; vinha um lião à cerca mesmo da residência missionária a arrebatar para um festim o Irmão Angelo, salvando-se lhe do corpo apenas a cabeça e metade do tronco, que o fero rei dos bichos guardava para posterior repasto.

A 3 de Abril de 1892, o fundador de Caconda, o grande missionário P.e Ernesto Lecomte era nomeado prefeito apostólico em sucessão do P.e Schaller, que retirava de vez para Portugal. Abriam-se centros novos de civilização em Massaca, Bailundo, Catoco, Bié, Cuanhama. Nesta última localidade, o gentio era insubmisso e corajoso. Vimos já o desastre do primeiro ensaio da missão entre os da tribu. Pois o P.e Lecomte não se aterrou, e não desistiu da evangelização daqueles bárbaros, nem mesmo após novo tentame de destruição do posto missionário, em 1903, em que uma bala indígena vitimou de novo um europeu, o auxiliar Dionisio Duarte, nem tão pouco depois do desastre da expedição portuguesa do Cuamatui; ficou a missão intemerata no seu posto, contribuindo não pouco para assegurar a submissão definitiva do Cuanhama, firmada em 1908 pela vitória de Roçadas.

Do Cuanhama devia saír um posto missionário de alto alcance patriótico, para Ximboro, sôbre o Cuango, a entestar com o domínio alemão de além-Cunene, e destinado a calar de vez as repetidas tentativas de pretensão germânica a território nosso; (1) mas a falta de pessoal e de dinheiro não deixou a Lecomte ver realizado em vida o projecto que o tentára; porque a 9 de Setembro de 1908 rematava no Bié aquela

(1) Em 1901 penetrava no território do Cuanhama, um destacamento alemão, armado, equipado, bandeira ao vento. Sabendo-o pelos indigenas o Padre Lecomte, dirige-se «o chefe da *missão portuguesa*» ao encontro dos alemães, empunhando a bandeira da nação que representava, em face daquele protesto corajoso e veemente, os colonos de Damaraland recolhiam para lá.

Padre Schaller,
prefeito apostólico da Cimbebásia e depois Superior
da Escola de Cintra.

generosa existencia benfazeja, depois de assegurar a Portugal a ocupação pacífica e benquista de vastas regiões e enriquecer a literatura colonial com estudos filológicos utílissimos. (1)

* * *

A missão de Huíla, fundada pelo Rev. P.e Antunes ao mesmo tempo que se lançavam as bases da prefeitura apostólica da Cimbebásia, serviu a esta última incipiente missão de ponto de apoio; e ao mesmo passo que os *missionários do Real Padroado* se ocupavam da paróquia e do seminário, os seus colegas e confrades missionários da Propaganda tinham em S. José da Huíla uma procuradoria para abastecer as fundações iniciadas da Cimbebásia. Uma vez que o estabelecimento em Cassinga, e posteriormente em Caconda, deu firmeza suficiente às missões de Benguela para dispensarem a base no Cunene, principiaram os dois grupos de missões do Espirito Santo a seguir, independentemente, os respectivos destinos. O P.e José Maria Antunes começou a estender a activa eficiência dos seus missionários em direcção ao Humbe, fundando Jau, Tivinguiro, Quiíta, escaladas a dias de marcha em direcção ao sul. Foi em Quiíta que morreu, em 1896, o primeiro colaborador do P.e Antunes, o P.e António José Marques, vítima das fadigas de uma nova fundação, de que fôra incumbido, a dos Gambos.

Em 1899, uma exploração dos P.es Severino da Silva e Manuel Braz levaram a cadeia das estações missionárias do Cunene até à Hinga; retirando para o norte de Humbe (quando constataram achar-se na esfera de acção do P.e Lecomte e da missão do Cuanhama, porque na margem esquerda do rio Cunene) e estabelecendo a missão em Tipelongo.

Quando, em 1904, o Rev. P.e Antunes era nomeado provincial dos estabelecimentos continentais da Congregação, deixava em mãos de seu sucessor, o Rev. P.e Bonnefoux, oito centros de irradiação missionária: Huíla, Munyino, Quiíta e Vimanaia (estes quatro agrupados a distância relativa de poucos quilómetros), Tinvinguiro, Jau, Gambos e Tipelongo.

---

(1) *Método de leitura em português* (Caconda, tip. da Missão, 1905);
Elongiso limputu (Método de aprender português, para uso dos povos Vimbundu);
Elongiso laputu (para uso do Quanhama);
Mo Vengia Kulilongeça iputu (para Ganguelas e Amboelas);
Vida de Cristo, em mbundo; a mesma em ganguela; catecismos nas mesmas línguas; cartilha da doutrina cristã em mbundo e português; narrativas do antigo testamento em mbundu e em ganguela, etc.

A República e as Missões

As missões religiosas do Espirito Santo não sofreram em Africa metade dos infortunios, que temeram quando se ouviu da revolução de 1910. Elas estavam resolvidas a não fechar, uma vez que os tratados internacionais, desde as conferências de Berlim e de Bruxelas, obrigam os governos coloniais a acatá-las: mas contavam com a hostilidade declarada das autoridades republicanas. Sucedeu ao avesso. E' verdade que em Malange houve uns desentendimentos efémeros com a autoridade local da parte do P.e Sousa (antigo missionário da Lunda, restituido a ela pela revolução de Outubro, após muitos anos de professorado em Santa Maria do Porto). Caconda e o Bailundo houveram que ser evacuadas por algum tempo, em virtude da irritada *opinião pública*... de ex-degre-

Familia indigena

dados. Mas a autoridade colonial quiz, desde o princípio, pôr-se ao lado dos missionários e patrociná-los.

O primeiro governador geral, Manoel Maria Coelho, organizou mesmo uma ajuda da parte do governo colonial às missões, para suprir os subsídios do governo metropolitano retraídos. Estes mesmos tornavam a ser postos em vigor no ano económico 1914-1915, em vista da insistência dos governadores da Província, e duraram até à nova regulamentação de Janeiro de 1920.

Como, aliás, o pessoal missionário era acidentalmente augmentado pela vinda para as colónias de alguns padres dos estabelecimentos fechados na metrópole ou dos dados prontos pelas casas de estudo (a Formiga começara a dar as primeiras ceifas, exactamente então, que ia caír!) as missões atravessavam, antes, uma era curiosa de prosperidade, que era pena tivesse de ser efémera.

Em 1911, tomava o P.e Luiz Cancela posse do distrito religioso da Lunda, em vez do P.e Wendling, que voltava ao Cunene, donde viera em 1899. Em 1912, a circunscrição augmentava-se do posto novo dos Bângalas.

No Congo, Cunene e Benguela o número de sucursais ia crescendo sempre.

Os únicos dissabores, que haviam de comprometer a sério, por algum tempo, a acção missionária, haviam de advir-lhe da guerra e da traição alemã. No Sul de Angola, para tranquilo viver das partes meridionais, tanto das missões filhas da Huíla como de Caconda, esperava-se pela redução definitiva dos Cuanhamas. Em 1914 preparava-se uma expedição em fórma, que os levasse a termos de não desejarem mais incursões nem assaltos; mas quando os 6:000 homens do Coronel Roçadas chegavam ao Cuamato, ataca-os à traição uma força alemã, por que ninguem esperava e para que não vinham preparados (pois não estavamos ainda em estado de guerra com nação alguma européa).

Em Naulila, onde se deu essa agressão covarde, foi uma *sabotagem* dos elementos de civilização! O preto, vendo aniquiladas as fôrças que o vinham forçar ao respeito e à ordem, principiou a destruir tudo o que era europeu, menos algumas missões luteranas, que acompanharam os *invasores*.

Foram duas correntes de portugueses a encaminhar-se em ondas para os dois refúgios: do Evale (missão do Cuanhama) e do Tipelongo, uma de cada lado do leito do Cunene, e representando, por conseguinte, uma as missões de Benguela, outra as do Cunene. Em Evale (no Cuanhama) sobretudo, foi

o prestigio de Monsenhor Luiz Keiling e o de seus missionários (P.e Devis, P.e Vieira) que tiveram em cheque os selvagens ávidos de sangue português, até chegar, em 1915, a coluna

Família cristã.

salvadora e vingadora do General Pereira de Eça, que desbaratou por completo o gentio posto contra nós em pé de guerra pelo alemão, de traiçoeira vizinhança. Das missões prussianas

vindas com os armadores da cilada de Naulila, uma foi reduzida a cinzas, todas abandonadas, ao chegar das nossas tropas.

Pacificada a região, tiveram ainda assim de ser abandonadas as duas missões *históricas*, porque uma estiagem tremenda (e a fome, consequencia dela) tornaram a vida impossível. A do Tipelongo refugiou-se no Tiúlo; a do Evale foi temporariamente suspensa.

Depois, com paciência heroica, que só o trabalho associado, a evangelização em família torna possível, tem-se indo cicratizando a ferida e até desenvolvendo vida nova, que seria muito mais intensa, entretanto, se não houvesse estancado tanto tempo a fonte de pessoal missionário aqui na Europa devastada.

Estado actual das Missões

CONGO.

Proseguem prósperas, bem que tolhidas em seu desenvolvimento desejável, por impossibilidade de augmentar os quadros, as quatro divisões missionárias da Costa Ocidental.

O Congo, administrado por Monsenhor Faustino Moreira dos Santos, conta as seguintes estações ou missões centrais: *Lândana, Cabinda, Lukula, Luali, Matembo (Mayombe).*

Lândana (fundada em 1872).

Missionários europeus: sacerdotes, 3; auxiliares, 4; sacerdotes indígenas, 1; auxiliares, 1; irmãs da missão, 4; auxiliares (femininas) indígenas, 2; escolas, 2; alunos: sexo masculino, 112; sexo feminino, 106; 1 escola de professores rurais (catequistas) alunos, 14; 1 grande seminario; 1 pequeno seminario: alunos 9; escolas de artes e oficios: encadernação, alfaiataria, sapataria, de ferreiro, funileiro, marceneiro, carpinteiro e pedreiro; atelier: costura e bordados para raparigas; escolas rurais, 18 (catequese e português); dispensários, 1; aldeias cristãs, 8.

Cabinda (1891).

Missionários: sacerdotes, 2; auxiliares, 1; irmãs auxiliares, 3 (portugueses todos); escolas, 2; alunos, 140; carpinta-

ria e sapataria; escolas rurais (catequese e português) 5; aldeias cristãs, 4; dispensário, 1.

Lukula (1893).

Missionário: sacerdote, 1; auxiliar, 1; (não tem oficinas); escolas de catequese e português, 11.

Luali (1890).

Aldeias cristãs, 3; escolas, 4.

(Missão em via de transformar-se em sucursal).

Matembo (Maiombe).

Missionários: sacerdotes europeus, 1; indígenas, 1; auxiliares europeus, 2; (não tem oficinas: estão em via de formação); aldeias cristãs, 2; escolas de catequese e português, 8.

MISSÕES DE LOANDA E LUNDA.

Este grupo, administrado pelo Rev. P.e Luiz Cancela, compreende as missões de *Malange, Libolo, Mussuco, Bângalas,* e a *Procuradoria de Loanda.*

1.º Missão de Malange.

Missionários: sacerdotes, 3; auxiliares, 3; irmãs da missão, 4; escolas, 2: do sexo masculino, alunos, 150; do sexo feminino, alunas, 66; escola profissional de: tipografia, encadernação, carpinteiro, marceneiro, ferreiro, serralheiro, sapateiro e alfaiate; estação missionária, 1; escolas de catequese e português, 5; dispensários, 2; aldeias cristãs, 5.

2.º Missão do Libolo.

Missionários: sacerdotes, 2; auxiliares, 1; escolas, 2: do sexo masculino, alunos, 46; do sexo feminino, alunas, 25; escola profissional de: carpintaria, marcenaria, forja, serralharia, alfaiate, pedreiro, e serração mecânica e moagem por

força hidráulica; escola agrícola, 1; escolas rurais de catequese e leitura, 4; estações missionárias com catequistas, 2; dispensário, 1; aldeias cristãs, 6.

3.º Missão do Mussuco.

Missionários: sacerdotes, 2; auxiliares, 1; escolas da missão: do sexo masculino, alunos, 100; do sexo feminino, alunas, 110; escola profissional de: carpintaria, marcenaria, ferreiro, alfaiate, pedreiro e sapateiro; escola agrícola, 1; escolas rurais de catequese e português, 15; dispensário, 1; aldeias cristãs, 4.

4.º Missão dos Bângalas.

Missionários: sacerdotes, 2; auxiliares, 1; escola da missão: do sexo masculino, alunos, 40; do sexo feminino, alunas, 33; escola profissional de: carpinteiro, marceneiro, ferreiro, alfaiate, pedreiro e sapateiro; escola agrícola, 1; dispensário, 1; aldeias cristãs, 2.

Lunda. — Tiro que valeu (P.e Mailloux).

MISSÕES DO DISTRITO DA HUILA.

Este grupo, sob a direcção do Rev. P.e Bonnefoux, compreende as missões da Huíla, *Jau, Chivingiro, Quiíta, Gambos, Munyino e Tyiulu* (que substituiu a missão do *Tipelongo)* e provisoriamente as freguesias da *Huila*, do *Lubango*, da *Humpata*, e da *Chibia*.

1.º Missão da Huíla (1881).

Missionários: sacerdotes, 5 (um deles o pároco da Chibia); missionários auxiliares, 11; írmãs da missão, 5; escola: alunos internos, 89; externos, 62; alunas internas, 60; externas, 35; aldeia cristã, 1; escola agrícola, 1; escola profissional, 1; dispensário, 1; 1 anexa na Ehima (Quipungu) com aldeia cristã e escola; 2 escolas de catequistas; esplendida tipografia.

2.º Missão do Jau (1889).

Missionários: sacerdotes, 1; auxiliares 1; escolas para rapazes e raparigas com 90 alunos; aldeia cristã, 1.

3.º Missão do Chinvingiro (1892).

Missionários: sacerdotes, 3 (um deles é pároco da Humpata); auxiliares, 2; escolas para rapazes e raparigas com 122 alunos; escola de agricultura, 1; escola profissional, 1; aldeia cristã, 1; dispensário, 1; aldeias evangelizadas, com catequistas, 5.

4.º Missão de Quiíta (1893).

Missionários: sacerdotes, 2; auxiliares, 0; escolas para rapazes e raparigas com 78 alunos; escola agrícola, 1; aldeias cristãs, 1; dispensário, 1; aldeias evangelizadas, 7.

5.º Missão dos Gambos (1894).

Missionários: sacerdotes, 2; auxiliares, 1; escolas para rapazes e raparigas com 69 alunos; aldeia cristã, 0; escola profissional, 1; dispensário, 1; aldeias evangelizadas, 12.

6.º Missão do Tyiulu (1916).
(Transferida do Tipelongo (1900).

Missionários: sacerdotes, 2; auxiliares, 1; aldeia cristã, 0; dispensário, 0; escolas para rapazes e raparigas com 20 alunos cada uma; um dos missionários é provisóriamente encarregado da missão e cristãos do Cuanhama e Evale, a 160 quil. de distância.

7.º Missão do Munyino (1898).

Missionários: sacerdotes, 2: um pároco da Huíla, outro pároco do Lubango; auxiliares, 2; escola agrícola; aldeia cristã; dispensario.

MISSÕES DE BENGUELA, CUBANGO (ou Cimbebásia).

Compreende o grupo as missões seguintes: *Huambo, Caconda, Bié, Cubango, Bailundo, Cutchi, Sambo e Gualangue:*

Huambo (1911):

3 padres, 2 auxiliares portugueses, 25 catequistas, outras tantas escolas.

Caconda (1890):

2 padres, 3 auxiliares, 2 irmãs européas, 2 irmãs indígenas, escola do sexo masculino e feminino, 2 dispensários e 15 escolas rurais.

Bié (1892):

2 padres, 1 escola interna e 20 rurais.

Cubango (1894):

3 padres, 3 auxiliares portugueses, 1 indígena, 1 escola interna e 38 rurais.

Bailundo (1896):

3 padres, 4 auxiliares, 1 internato de 90 alunos, e 60 escolas rurais de catequistas.

Cutchi (1897):

3 padres, 1 auxiliar, 1 internato e 11 escolas rurais.

Sambo (1912):

2 padres, 1 auxiliar, escola interna e 8 escolas rurais.

Gualangue (1922): Missão em via de organizar-se; inaugurava-a, a 2 de Fevereiro, Mons. Keiling, abrigando-se numa cabana provisória, estabelecendo um sistema de irrigação e plantando uma horta e um terreno de 2 hectares de trigo, ao mesmo passo que deixava abertas 5 escolas de catequistas, além da escola da missão, destinada a habilitar professores para o futuro.

O estado da antiga Cimbebásia, das missões de Benguela, é dos mais florescentes; é a missão do Espirito Santo mais moderna e progressiva. Além das escolas internas e rurais, de rapazes e raparigas, apresenta esta circunscrição missionária: 7 carpintarias, 7 forjas, 7 alfaiatarias, 3 sapatarias, 3 fábricas de cortição, 3 de tijolo, 1 tipografia, 8 quintas modelos e 8 dispensarios.

Administra este grupo Mons. Luiz Keiling.

Vê-se que as tradições de inteligencia e rasgo do P.e Lecomte continuam mantidas. E' a missão moderna e civilizadora em todo seu esplendor e arrojo.

A Missão moderna

Para darmos uma ideia do sistema particular de evangelização seguido na Africa Portuguesa pelos Padres do Espirito Santo, não ha melhor que o excerto que segue, de uma comunicação (de 22 de Dezembro de 1896) do P.e Lecomte á Sociedade de Geografia de Lisboa:

ORGANIZAÇÃO DA MISSÃO

A missão moderna em Africa não se limita a uma simples catequese dos povos. A experiencia dos seculos passados demonstra que, se se podem conseguir assim resultados admiraveis, como aconteceu no antigo reino do Congo, estes resultados não são duradouros, abstraindo-se mesmo das causas que originaram a decadencia e abandono daquelas primeiras missões. Apesar das minhas simpatias pela raça negra, cumpre-me reconhecer que se encontra ela num grau manifestamente inferior às demais raças. Por outra parte, a sua constituição civil, os seus costumes, todo o seu modo de viver conservam os pretos

Civilizando pelo trabalho.
Irmão auxiliar dirigindo uma sapataria.

tão afastados dos principios fixados pelo dogma e pela moral cristã, que parece bem dificil leva-los à compreensão daquelas verdades, sem, até certo ponto, reformar as suas condições sociais. E' preciso, numa palavra, transforma-los em homens decentes, homens dignos, não direi antes que faze-los cristãos, visto ser a religião que mais eficázmente influe em leva-los a esta transformação, mas sim a par, e ao mesmo tempo que se farão cristãos.

Sendo assim, como realmente é, a missão deverá constituir não sómente um centro de instrução religiosa, mas além disso um fóco de civilização, dando o exemplo e promovendo o desejo e o amor do asseio, do arranjo, de um certo bem estar, que levam por consequencia o indigena à aplicação ao trabalho agricola e industrial, fonte unica de onde poderá auferir os recursos indispensaveis, com que supra as suas novas e legitimas necessidades. Se é sempre verdade ser a ociosidade a mãe de todos os vicios, é certo que na Africa o é mais que em parte alguma. Pode realmente dizer-se que a escravatura e a poligamia, os dois mais consideraveis obstaculos a toda a civilização e evangelização, são principalmente filhas do ocio e da indolencia. E' com o fim de nada fazer que o gentio se rodeia de escravos e resiste a separar-se das suas mulheres, pela falta que lhe fariam em suas culturas.

Tocando à missão, como já disse, dar o exemplo do trabalho e organizar uma obra duradoura, deve antes de tudo instalar-se em condições que lhe permitam atingir esse fim. A escolha do sitio é um dos pontos de maior circunstancia. Tomamos em consideração não sómente a salubridade, mas a qualidade e a extensão dos terrenos araveis, a facilidade de irrigação, os recursos locaes para as diversas obras, a abundancia e barateza dos produtos do país, procurando até enlaçar o util com o agradavel, tais como um sitio pitoresco, um panorama desenvolvido, sem perder de vista a proximidade de um centro populoso sôbre o qual se possa exercer influencia.

Mal se imaginará quanto, numa mesma terra e em curta área, as condições de clima e salubridade diferem, pela escolha do local em que vão erguer-se as edificações. Ha por vezes uma diferença de 10 graus de temperatura a menos ou a mais entre o fundo do vale e as eminencias proximas. Um local será ou não saudavel, segundo o abrigo ou exposição a ventos impregnados de miasmas. Tentativas de colonização ficaram frustadas inteiramente, porque se não atendeu a estas indispensaveis previdencias. Outros inutilizaram uma situação excelente, com abrirem levadas ou canais sobranceiros às habitações. Em regra não nos fixamos após uma primeira exploração; limitamo-nos a construir abrigos provisorios e começamos a instalação definitiva, sómente depois dum ano ou dezoito mêses de residencia, e a maior parte das vezes em ponto distinto do da primeira escolha, consoante as indicações fornecidas pela experiencia. Um dos nossos primeiros cuidados é arrotear uma horta, que em pouco tempo nos fornece todos os legumes e hortaliças da Europa; logo em seguida lavra-se um campo de trigo, ao mesmo tempo que se trata da creação de galinhas, patos, gansos, coelhos, suinos, etc. Uma vez segura a existencia, podemos mais a sério dedicarnos às construções. Importa preparar instalações convenientes; a propria saude o exige, e de resto não teriamos influencia sôbre os pretos, se nos vissem habitar em miseraveis choupanas.

Respeitam-nos, estimam-nos, e dão-nos sua confiança na proporção do que nos veem fazer.

As edificações levam sempre alguns anos, visto fazermos quasi tudo por nossas mãos, não sendo precisos os indigenas senão para pre-

parar rudes materiais. As casas teem que ser bastante vastas, porque, além da residencia dos missionarios, são precisas capela, escola, dormitorios, armazens, oficinas e salas diversas, etc.

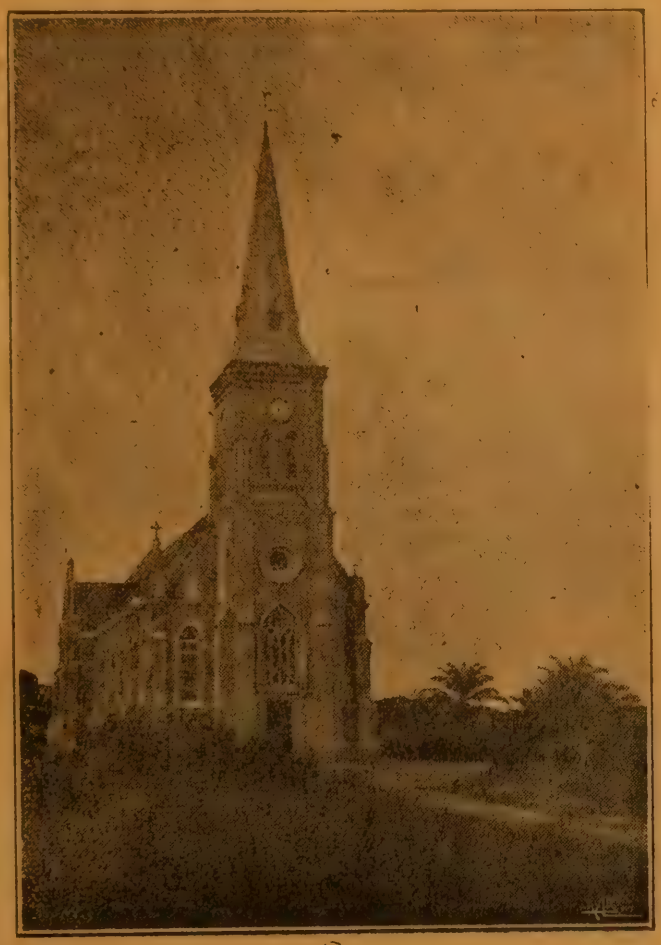
Cada missão tem um carro do sistema boer, aperfeiçoado por um dos nossos irmãos auxiliares, sendo os primeiros, sob seu plano e direc-

P.e E. Lecomte.
Um «grande português»... nascido em França.

ção, construidos em Lisboa, e tão apreciados, que a casa construtora tem exportado para Africa varios outros vagons do mesmo modelo. Para o carro são necessarios bois, que não podem ser menos de doze juntas. A despeza é um tanto forte, mas, mediante ela, achamo-nos desde

logo independentes dos caprichos dos indigenas no tocante aos diversos transportes do serviço diario. Acrescem aos bois algumas vacas, cabras, carneiros, e eis concluido o indispensavel provimento pecuario.

Com respeito à mobilia, utensilios e material, além dos artigos caseiros, de capela, farmácia, biblioteca e escola, levamos instrumentos de carpinteiro, ferreiro, pedreiro, e ferragens convenientes para as obras. Visto os diversos elementos materiais, exigidos para se instalar uma missão, digamos qual deve ser o seu pessoal dirigente; compõe-se pelo menos de dois padres e dois irmãos, acompanhados por seis jovens já educados, que auxiliam imenso os trabalhos, e dentro de poucos mêses formarão a primeira aldeia cristã. Compreende mais quinze rapazes semi-educados numa missão, cujo mistér será o desempenho dos serviços domesticos, e vão constituir em breve o nucleo da futura escola.



Igreja de Lândana, monumento arquitetónico, obra dos Irmãos auxiliares.

RELAÇÕES COM OS INDÍGENAS

Ao mesmo tempo que se procede a estes trabalhos, estabelecem-se relações com os naturais do sitio. Ordinariamente é com uma certa desconfiança que nos vêem estabelecer morada entre eles, não tendo eu encontrado senão uma só excepção, que foi no Bailundo. Receiam que, como tantos outros, os vamos explorar, e mais não sejâmos que os precursores de uma ocupação militar. Em vendo que os tratamos com amor, justiça e desinteresse, lhes prestamos os serviços ao nosso alcance, lhes medicamos os doentes, entendem que somos influenciados

por motivos diversos dos comerciantes. Explicamo-lhes, então, para que vimos, damo-lhes a conhecer a utilidade da instrução, a vantagem de ensinar a seus filhos a falar, ler e escrever a língua portuguesa, o que a todos cativa e atrai. Em seguida manifestamo-lhes as idéas religiosas que, sem estes preâmbulos seriam para eles, póde dizer-se, incompreensiveis. Passamos depois ao trabalho de escola e ao catecismo com os rapazes que levamos comnosco: persuadimos facilmente alguns semicivilizados a que nos entreguem os filhos, e pouco a pouco a desconfiança geral desaparece, com mais ou menos rapidez, de modo que em pouco tempo se nos torna impossivel atender a todos os pedidos.

Os alunos, geralmente internos, são vestidos e alimentados à custa da missão. Os pais vêem visita-los, e eles mesmos indo, quando convém, às suas aldeias, não deixam de contar o que na missão lhes foi ensinado; as suas mães tambem afluem várias vezes aos exercícios da igreja, apresentando para o baptismo os seus filhinhos, e aproveitam os missionários zelosamente todas as ocasiões para divulgar as primeiras noções do cristianismo. Os discipulos sem custo se vão acostumando à vida da missão. De resto, suaviza-lhes a educação quanto possivel, evitando-se as correcções corporais, expulsando-se os díscolos que se não domam pela persuasão. No principio não se apertam com trabalhos manuais, cujo amor e gosto lhes surge mais tarde espontaneamente ao estímulo do amor próprio e pela vergonha de verem o europeu, o próprio sacerdote, manejar assiduamente o machado e a enxada; nasce até a paixão do trabalho e chegam a produzir um resultado muito superior ao dos rapazes resgatados, com os quais força é usar de uma disciplina mais severa.

ALDEIAS CRISTÃS

Referi-me já a uma aldeia cristã. Os seis jovens que de primeiro nos acompanham construem para logo suas casas, e, concluidas estas, vão buscar as noivas deixadas no asilo das raparigas da missão de onde vieram. No mesmo dia realizam-se os seis casamentos, e um sistema especial de vida começa para estas familias assim formadas. Escolhemo-las de entre as melhores e mais prestimosas; trabalham toda a manhã por conta da missão, e de tarde em proveito seu, ganhando de 150 a 250 reis diários, e mesmo mais os que souberem um oficio, como serradores, carpinteiros, carreiros, etc. As mulheres ocupam-se nos amanhos caseiros, auxiliam a lavra agrícola, e nas horas ainda disponíveis aplicam-se a lavar, engomar, costurar, etc. Ha cuidadosa inspecção em que na aldeia se não introduzam as superstições gentilicas, a embriaguez, a vadiagem, e guiam-se na gerência dos seus lucros, havendo seu livro de receita e despeza regularmente escriturado, e os saldos que existam aplicam-se à compra de um objecto útil ou de uma vaca, o que é para eles de maior satisfação e lhes dá as honras e vantagens de proprietários. Ha rapazes destes, casados de pouco, e já possuidores de cinco ou seis vacas, com os respectivos bezerros, sem que por outro lado nada lhes falte para as suas habituais comodidades. Pódem dizer-se e são, verdadeiramente felizes.

As raparigas indígenas aproximam-se pouco a pouco das pretas cristãs, e pedem para aprender a costura e a doutrina, formando destarte uma pequena escola de pretinhas externas, nos pontos onde não não póde haver asilo de irmãs.

Por este processo fica a instruçao evidentemente incompleta, mas

sempre é um bem que se realiza, emquanto os recursos não dão para um estabelecimento mais perfeito.

Os rapazes, passados tres ou quatro anos na missão, regressam às familias, continuando geralmente no cumprimento de seus deveres cristãos. Em chegando à idade de se estabelecerem, trata-se de instruir a mulher de sua escolha e de casa-los segundo os ritos da igreja católica. Querem alguns fixar-se na nossa aldeia? Da melhor vontade os aceitâmos, e logo que atinjam um certo número de familias, podem agruparse, formando novas aldeias cristãs, com um dos seus camaradas por chefe.

Poder-me há alguem perguntar se por vezes não ha insucesso ou decepções neste ponto. Certo é que há; contudo posso afoutamente afiançar que uma terça parte é excelente, a outra terça parte muito aceitavel, e só os demais é que exigem mais paciência e sacrificio para deles se obter conveniente resultado. Alguns dos rapazes resgatados lembraram-se de fugir, mas logo depois, com toda a humildade, vieram suplicar a readmissão. A expulsão é sem dúvida o mais duro castigo que se lhes póde infligir: só, porém, o aplicâmos muito por excepção, e quando a utilidade pública assim o exige.

Pelo que se vê, estas missões, estas aldeias cristãs são realmente fócos de civilização, e a maior parte dos antigos alunos são como centelhas de luz a esclarecer suas respectivas aldeias. Alguns temos que fazem um verdadeiro proselitismo e combatem sem medo nem respeitos humanos os costumes bárbaros e ridículos das suas terras. No ponto de vista de sujeição ao governo, póde dizer-se que toda esta gente fica inteiramente aportuguezada, e, em caso de necessidade, póde prestar

Mons. Luiz Keiling.

valiosos auxílios. Ha entre eles apreciáveis atiradores, e não raro tenho visto em exercício de tiro ao alvo aparecerem rapazes que vencem admiravelmente os soldados mesmo europeus.

Quando, ha tres anos, a missão de Cassinga foi agredida por mais de mil guerreiros do Cuanhama, munidos de espingardas aperfeiçoadas, foram repelidos por uns trinta dos nossos rapazes, alguns de treze ou quartoze anos apenas, e imperfeitamente armados. Depois disto o governo enviou vinte armas Martini, que são todavia muito poucas para tanta gente, e tenciono pedir mais algumas. Ainda agora, em rumores de guerra, saem a dar caça aos salteadores os nossos cristãos, ali estabelecidos com suas famílias, embora muitas vezes em número sómente de tres ou quatro.

As missões valem, pois, por verdadeiras cidadelas, sendo respeitadas como tais: não ha tribu que não perca a vontade de nos atacar, ao saber que temos em casa doze espingardas, com gente competente para as manejar. Constituimos assim uma segura protecção para os povos vizinhos, os quais, em caso de álerta, prontamente se refugiam na missão com pessoas e fazendas.

Em locais onde haja caça, sabem os nossos rapazes tirar vantagem de sua competencia, para fornecer a aldeia de ótimas provisões.

No continente da República. Ruinas

Se as primeiras autoridades republicanas das colónias apreciaram, como o tinham feito as monárquicas, a evidente obra civilizadora das missões do Espirito Santo, não sucedeu o mesmo na Metrópole; ou, se as daqui tinham bom senso e clarividência suficiente para tambem verem que educar selvagens, nem é obra reacionária, nem constitue ameaça para as Instituições democráticas, alijaram para cima da Opinião Pública (que em democracia é dever respeitar) a responsabilidade da extinção, na Pátria, dos missionários que esta precisaria lá fóra. E assim, levados na onda de uma suposta opinião pública (que era a opinião daqueles portugueses que se supunham mais desvairados que os próprios africanos) os nossos políticos chegaram a este *paradoxo:* perseguir e impedir em Portugal o recrutamento dos mesmos missionários que nas colónias continuavam subsidiando e protegendo, como imprescindíveis!

Começara já o novo ano escolar 1910-1911, quando, a 4 de Outubro, triunfou em Lisboa a revolução, que havia no dia seguinte de implantar entre nós o regime republicano. Os dois colégios de Braga e do Porto dispersaram logo, com pouca

esperança de reabrirem, porque lhes era assás notória a antipatia dos vencedores; mas a Escola Agrícola Colonial de Cintra, o viveiro eclesiástico de missionários da Formiga e o complemento dêste, que era a casa de Carnide, com o curso teológico, pudera haver quem contasse para eles com a boa vontade criteriosa do governo novo, uma vez passada a exaltação da primeira tormenta.

Colégio do Espirito Santo.

Entretanto os pequenos da Formiga e de Cintra eram entregues às familias, *até ver.* A Carnide chegava, no dia 5, uma desgrenhada malta de revolucionários civis, perguntavam *pelo armamento,* obrigavam os «frades» a render-se, e levavam-nos, alunos e professores, presos para Artilharia 1. Daquele quartel eram, quatro dias depois, transferidos para Caxias (com melhoria de rancho e de carcereiros).

Postos em liberdade a 15 de outubro, punham as autori-

dades às portas da fronteira ao P.e Dunoyer, por estrangeiro, convidando os demais a reintegrarem os respectivos lares.

Os edifícios que pertenciam, como propriedade, a membros do Instituto, foram confiscados: eram só dois, mas os de maior valor: o colégio do Espirito Santo, em Braga e as vastas instalações da Escola Agrícola Colonial, em Cintra. Como a província francesa da Congregação tinha enterrado na fundação dos dois importantes estabelecimentos ponderoso capital, entregaram os membros não portugueses uma reclamação ao tribunal de Haia, a qual nunca chegou a ser debatida, graças a um acordo entre os delegados do governo e a Casa-Mãe do Instituto, e pela arbitração daquele a esta de uma insignificante indemnização, que não cobriria o simples valor do recheio de qualquer das casas.

O último director do Colégio do Espirito Santo, Rev. Henrique Blériot e o assistente, Rev. Felix Girollet.

As outras casas, sem exclusão da Procuradoria das Missões em Lisboa, pertenciam a particulares e foram entregues aos senhorios, que procurassem para elas inquilinos (confiscada pelo governo toda a mobilia dos proscritos).

Os aspirantes missionários, ao ver tão turbado o porvir, foram esquecendo a estrela do sublime ideal. Só alguns mais tenazes, ou menos tolhidos pelo amor egoista e enervante de tristes pais, resolveram exilar-se e foram, como destroços dum naufrágio, procurar em França, na grande nação republicana que não soube perder o entusiasmo apostólico, uma atmosfera, em que a vocação santa pudessse desabrochar e produzir enfim seu fruto.

Os mais pequeninos, os inocentinhos da Formiga, acharam no sul da França, no colégio de S. Pé e à sombra do báculo paternal do bispo de Tarbes, um cantinho onde fomentassem o desenvolver da vòcação sagrada. Os mais velhos, os de Carnide, passaram a Paris, terminaram os estudos apostólicos, e são os mais dêles missionários de Portugal além-oceano.

Mas a França, boa e acolhedora, não era por condições físicas o ambiente feito para organismos tenros de meridionais na fase do crescimento. O clima devastou-os. A experiencia não pudera proseguir-se mais aturada, sem desprezo pela vida humana.

Em 1913, achava-se um refúgio em Espanha, e vinha de Paris o Rev. P.e Cardona, com o antigo professor do Espirito Santo Rev. P.e Fonseca e alguns padres novos, a fundar em Zamora, adjunta ao seminário, uma *academia de lengoas*, para poder sustentar ali mesmo um nucleozinho de estudantes missionários, que se fossem recrutando pelas aldeias da nossa terra. Ali se encontravam os padres, com um rebanhozinho de doze portugueses, quando o decreto de 20 de Janeiro de 1920, do ministro das colónias Rodrigues Gaspar, permitindo às Missões delegar pessoal para recrutarem e habilitarem alunos, os animou a virem viver para o seio do território da República e para mais perto das populações, do meio das quais hão de saír os recrutas desejados.

Em Braga de novo
Reedificando uma grande ruina

Em Janeiro de 1920, começavam os Padres do Espirito Santo a reunir em Braga, numa quinta que já faziam de renda no tempo do colégio, alguns rapazinhos, em cujas almas tenras parecia ter pegado a semente do ideal de apóstolos. Antes do fim de Janeiro, atingiam o número de quinze.

Creanças gentias.

Passava um ano. A população bracarense e a opinião portuguesa acolhera a iniciativa com evidente simpatia, evidenciada *positivamente* e *efectivamente* por um esboço de cooperação pecuniária. Findo o ano lectivo, em vez de seguirem para Espanha, para o asilo de Zamora, os novos aspirantes das missões africanas, vinham ao contrário, de Zamora, a ajuntar-se-lhes os refugiados lá.

Em Outubro iam abrir-se as aulas no edifício do colégio, que então liquidava, de S. Tomás de Aquino; a quinta do *Charqueiro* reservava-se para um tentame de restauração da Escola Colonial, profissional e agrícola, com que Cintra povoara de missionários auxiliares, pedagogos e mestres de ofícios, as colónias de Portugal, e com que é preciso continuem a dotar-se as missões de Angola e Congo, se queremos dar consistência à obra civilizadora missionária, dando à religião a base sólida do trabalho humano.

Hoje vão em cincoenta os alunos do colégio de estudos eclesiásticos e são quinze os aprendizes-missionários da Escola Profissional Missionária em embrião.

Os recursos materiais, que não ha pensar em obter por meio de colégios, porque nem ha pessoal para tanto, nem as leis vigentes os tolerariam, nem seriam desejáveis para uma associação que tem, primeiro que tudo, de acudir às missões despovoadas das colónias — e os colégios seriam sorvedouro hiante de pessoal — em Portugal os recursos indispensáveis

têem até hoje vindo do patriotismo generoso dos que não querem ver morta lá fóra a nossa eficiência espiritual. Os antigos alunos dos colégios, muitos a ocupar hoje na sociedade logares de notável destaque, têem sido dos mais pressurosos na cooperação, para que resurjam dentro em pouco hostes novas de apóstolos de Portugal, que possam ir render os antecessores, os quais vão caindo nas lides excessivas a que teem andado abandonados, e que possam dispensar o envio de mais colegas estrangeiros, generosos, abnegados, exilados voluntários das respectivas pátrias, para ajudarem a nossa a não perder os centros de civilização com que a dotaram já.

Nem podemos quedar-nos no que está feito. Não progredir é morrer! E não morrem nem esmorecem as empresas, estranhas à nossa civilização, que o Protestantismo continua a lançar à conquista da humanidade que nos povôa os domínios. E' urgente que o esforço missionário da Religião católica portuguesa não se deixe vencer na forçada competição do proselitismo.

Os Padres teem uma revista («Missões de Angola e Congo») para lembrarem aos portugueses (crentes ou não) a necessidade de organizarem o auxílio pecuniário, que valorize as dedicações pessoais nascidas da Fé.

Vamos forçar o Mundo Civilizado à convicção de que Portugal Civilizador ainda não morreu.

Creancinhas cristãs e Rev. P.e Cancela com o P.e Barros (indígena).

Apêndice

O Instituto do Espirito Santo e o recrutamento de missionários

Seminário das Missões

Lembram-se ainda muitos com saùdade do «Seminário das Missões» no convento antigo da Formiga, onde o Rev. P.e Xavier Kauffmann, o popularíssimo por aquelas redondezas *Padre Xaviel,* começava enfim a colher frutos regulares de largos anos de experiência de direcção.

Em 1910, naufragado o viveiro esperançoso, foi aproveitada com avidez aquela experiência para a direcção de uma escola missionária na Bélgica. A de Portugal levou dez anos a resolver-se outra vez a tentar reimplantação entre nós. Funciona em Braga, de ha dois anos a esta parte.

O Instituto tem por fim essencial e exclusivo formar e educar, tanto física como moralmente, para a vida missionária os jovens que a quizerem abraçar nas missões portuguesas de Angola e Congo.

Todos os patriotas que estão ao par do problema colonial, confessam a necessidade urgente de mandarmos missionários portugueses para as nossas colónias.

Vêem por isso os Padres do Espirito Santo pedindo a todos os portugueses que se interessem por esta Obra, de alcance ao mesmo tempo religioso, social e patriótico:

1.º — Dando-a a conhecer no meio em que vivem, sobretudo difundindo a revista «Missões de Angola e Congo», que propagandea o ideal missionário.

2.º — Procurando-lhe bons recrutas.

3.º — Fundando bolsas (4.000$00).

4.º — Assegurando anualmente a pensão (200$00) ou meia pensão (100$00) ou um quarto de pensão dum aspirante.

5.º — Proporcionando-lhe donativos em géneros, roupas, livros, etc.

Para eles será certa a benção do Salvador: «Quem ajudar o apóstolo na sua missão de apóstolo, receberá a recompensa do apóstolo».

Condições de admissão

1.º — Saúde e compleição robusta, índole boa, isenção de defeito físico notável.

2.º — Idade não inferior a 10 anos, nem superior a 15.

3.º — Inteligencia mais que mediana, juizo são, espirito docil e aptidões pronunciadas para os estudos e vida missionária.

4.º — Exame de instrução primária (2.º grau) ou habilitação para êle.

5.º — Ser filho legítimo e de família bem reputada.

Documentos

1.º — A carta, em que o aspirante pede admissão, exprimindo o seu desejo de ser sacerdote e missionário, deve ser acompanhada duma carta de recomendação do pároco ou doutro sacerdote que bem o conheça.

2.º — Deve trazer consigo, uma vez admitido :

a) Certidão de idade, em papel selado e reconhecida por tabelião.

b) Certidão de baptismo e confirmação.

c) Diploma ou atestado dos exames feitos.

d) Atestado de vacina e de boa saúde.

e) Consentimento dos pais ou tutores, em papel selado e reconhecido pelo tabelião.

Pensão

Se as famílias têem posses, devem pagar a pensão de seus filhos, que se avalia em 200$00 anuais.

A's que têem poucos ou nenhuns meios, o Director fará as reduções precisas e possíveis, valendo-se da generosidade dos benfeitores das Missões e do Instituto.

Umas e outras se comprometem a *não desviar os seus filhos da carreira missionária ;* com efeito, apesar das próprias necessidades no momento presente, *Portugal não pode abandonar as suas colónias à invasão protestante e estrangeira :* fornecer-lhe missionários católicos e portugueses à altura, é o fim único desta obra e de quantos a favorecem.

Despesas de viagens e de correspondência ficam sempre a cargo da família.

Na entrada, cada aspirante entregará a quantia de 20$00 para gastos de instalações e imprevistos.

Enxoval

2 fatos novos e completos — 8 camisas com colarinhos cosidos — 8 ceroulas — 6 guardanapos grandes — 6 toalhas de rosto — 12 pares de meias — 12 lenços de mão — 3 pares de lençois — 3 travesseiros e 3 travesseirinhas — 2 cobertores — 2 camisolas de lã para o inverno — 1 capote — 2 blusas de riscado — 4 gravatas — 2 pares de botas — 1 par de tamancos — 1 par de chinelos — 1 chapeu — 1 boina ou boné — escovas de fato, de dentes, de cabelo e de calçado — 2 pentes — 1 espelho — 1 coberta branca para a cama.

Observações

1.º — Além do enxoval, o aspirante deverá trazer os livros de aula que tiver.

2.º — A' medida que se forem rompendo os diferentes artigos do enxoval, a família é rogada para os substituir por outros.

3.º — Toda a roupa deverá vir marcada a linha com o n.º indicado pelo Director no acto da admissão.

4.º — As entradas não se efectuarão senão no princípio do ano lectivo.

5.º — Pelas férias grandes, os jovens poderão passar em casa algum tempo, conforme determinarem os Directores.

Os pedidos devem ser dirigidos ao Director do «Instituto das Missões». 49, Rua Visconde de Pindela — Braga.

Estudos Superiores e Técnicos

A Escola das missões é destinada a dar, durante 5 anos, aos candidatos missionários habilitação correspondente ao curso secundário.

Seguirão ainda dois de estudos filosóficos, durante os quais se ministram aos estudantes ensinamentos práticos em relação com o viver colonial. Enfim, coroa-se a carreira de preparação eclesiástica missionária com um curso teológico de 4 anos.

Escola profissional das Missões

Entre os que modernamente se interessaram por missões é já ditado indiscutido que o padre não fará obra de dura, se o não coadjuva o missionário profissional a transformar o preto, pelo hábito incutido do trabalho disciplinado.

E' por isso que o Instituto Missionário do Espirito Santo, reconhecendo, como todos os que se interessam pelas colónias portuguesas, a necessidade urgente de para já mandarmos missionários, não quiz deixar essa obra incompleta, contentando-se com o recrutamento de missionários eclesiásticos: quiz tambem formar e educar, física e moralmente, missionários auxiliares leigos que, pelo ensino primário na escola, ensino técnico na oficina, e direcção da actividade agrícola do selvagem, o ajudem a ingressar na civilização portuguesa e cristã e a fixar-se nela.

Condições de admissão

1.º — Saúde e compleição robusta, índole boa, isenção de defeito físico notável.

2.º — Idade não inferior a 15 anos.

3.º — Juizo são, espírito docil, gosto pelo trabalho e aspirações à vida missionária.

4.º — Saber ler e escrever.

5.º — Ser filho legítimo e de familia bem reputada.

Documentos

1.º — A carta em que o aspirante pede admissão, exprimindo o seu desejo de ser missionário, deve ser acompanhada duma carta de recomendação do pároco ou de outro sacerdote que bem o conheça.

2.º — Deve trazer consigo, uma vez admitido:

a) Certidão de idade, em papel selado e reconhecida por tabelião.

b) Certidão de baptismo e confirmação.

c) Atestado de bom comportamento (do patrão ou do pároco).

d) Atestado de vacina e de boa saúde.

e) Consentimento dos pais ou tutores, em papel selado e reconhecido pelo tabelião.

Obrigações das famílias

Os pais comprometem-se a não desviar os seus filhos da carreira missionária; com efeito, apesar das próprias necessidades no momento presente, Portugal não pode abandonar as suas colónias à invasão protestante e estrangeira: fornecer-lhe missionários católicos e portugueses à altura, é o fim único desta obra e de quantos a favorecem.

Despezas de viagens, ficam sempre a cargo da família.

Enxoval

2 fatos novos e completos — 8 camisas com colarinhos cosidos — 8 ceroulas — 6 guardanapos grandes — 6 toalhas de rosto — 12 pares de meias — 12 lenços de mão — 3 pares de lençois — 3 travesseiros e 3 travesseirinhas — 2 cobertores — 2 camisolas de lã para o inverno — 1 capote — 2 blusas de riscado — 4 gravatas — 2 pares de botas — 1 par de tamancos — 1 par de chinelos — 1 chapeu — 1 boina ou boné — escovas de fato, de dentes, de cabelo e de calçado — 2 pentes — 1 espelho — 1 coberta branca para a cama.

Observações

1.º — Além do enxoval, o aspirante deverá trazer os livros de aula que tiver.

2.º — A' medida que se fôrem rompendo os diferentes artigos do enxoval, a família é rogada para os substituir por outros.

3.º — Toda a roupa deverá vir marcada a linha com o n.º indicado pelo Director no acto da admissão.

Os pedidos de admissão dirigem-se ao Director do «Instituto Missionário». 18, Rua Bento Miguel — Braga.

ERRATAS

Pag. 73:

«E' verdade que em Malange houve uns desentendimentos...».

Os desentendimentos em Malange não datam da proclamação da República nas colónias. Foram já em 1914, por ocasião dos arrolamentos, a que energicamente quiz opôr-se o R. P. Sousa, e que seguiram a aplicação às colónias da Lei de Separação. No Libolo, porêm, houve desde os primeiros tempos da República perseguição local, que aliás a autoridade central repudiou, destituindo sucessivamente dois administradores zelotes.

Pag. 74:

«O primeiro governador geral, Manoel Maria Coelho, etc.».

Estas linhas não presentam bem em fóco o delineamento dos factos. O governador Manoel Maria Coelho não arbitrou subsídios às missões tirados do orçamento colonial: obteve do Governo da metrópole que os subsídios continuassem.

Foi em 1914, ao aplicar-se às colónias a Lei de Separação que os subsídios às missões foram suprimidos; o governador de então, hoje alto comissário de Angola, Norton de Matos, que num relance de olhos de águia vê as situações, não quiz o desastre da nossa influência espiritual na província, e determinou continuar o auxílio às missões por conta dos fundos da colónia.

Durou esta situação, com um breve interregno de indecisão, até ao regulamento de Rodrigues Gaspar (Janeiro de 1920) ultimamente melhorado por diploma do mesmo ministro das colónias em 26 de Agosto de 1922; nestes dois decretos organiza outra vez o Estado a dotação das missões, estabelecidas as condições em que elas hão de funcionar.

INDEX

No campo do apostolado contemporâneo 5
A Congregação do Espirito Santo. Duplice origem da Associação:
Associação do Espirito Santo 8
Congregação do SS. Coração de Maria 10
A fusão. 11
Desenvolvimento da Nova Sociedade:
Em vida de Libermann 12
Expansão póstuma 15
Em territórios de Portugal 16
Os primeiros missionários do Espirito Santo em plagas angolanas. Padre Poussot e Padre Espitallié. 20
Alarme dos políticos (Fevereiro 1866). Debate nas Câmaras àcerca dos missionários franceses 22
A's portas do Congo:
De Loanda para Ambriz 24
Em Mossâmedes. O P.e Duparquet 27
Primeiros passos da Congregação no Continente Português. Descorçoando das Missões, mortes, retiradas 31
Os Padres do Espirito Santo a renunciar a colónias nossas. Lândana e Congo a fugir-nos 35
O P.e Duparquet a gravitar ainda para Angola 38
De Gibraltar outra vez para Portugal. 41
O P.e Duparquet outra vez em Angola. Contrapõe-no Portugal à invasão protestante: fundação definitiva. 43

Missões do clero secular.
D. José Neto. António Barroso. 48
A missão *francesa* do Congo a torcer outra vez para Portugal . 53
Loanda. Esboços da missão da Lunda 56
Evoluir da Cimbebásia. 58
Progressos no Continente: colégios, procuradória, escola colonial, seminário 61
Decadência, novo alento e ruina em Portugal. 64
As missões (Congo, Lunda, Cunene, Cimbebásia) no último decénio da Monarquia 66
A Rèpública e as Missões. 73
Estado actual das Missões:
Congo 76
Loanda-Lunda 77
Huíla 79
Cimbebásia (Benguela-Cubango) 80
A missão moderna 82
No Continente. Ruinas. 88
Em Braga. Reedificando a grande ruina 91
Apêndice: Instituto Missionário do Esp. Santo, 94 95, 96, 97

Tipografia SOUSA CRUZ — *Rua Nova de Souza*
BRAGA — 1922

438
15

OF TORONTO
NOV
1982

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 11 13 02 006 9